PAULUS

vida pastoral

novembro-dezembro de 2023 – ano 64 – número 354

ISSN 0507-7240

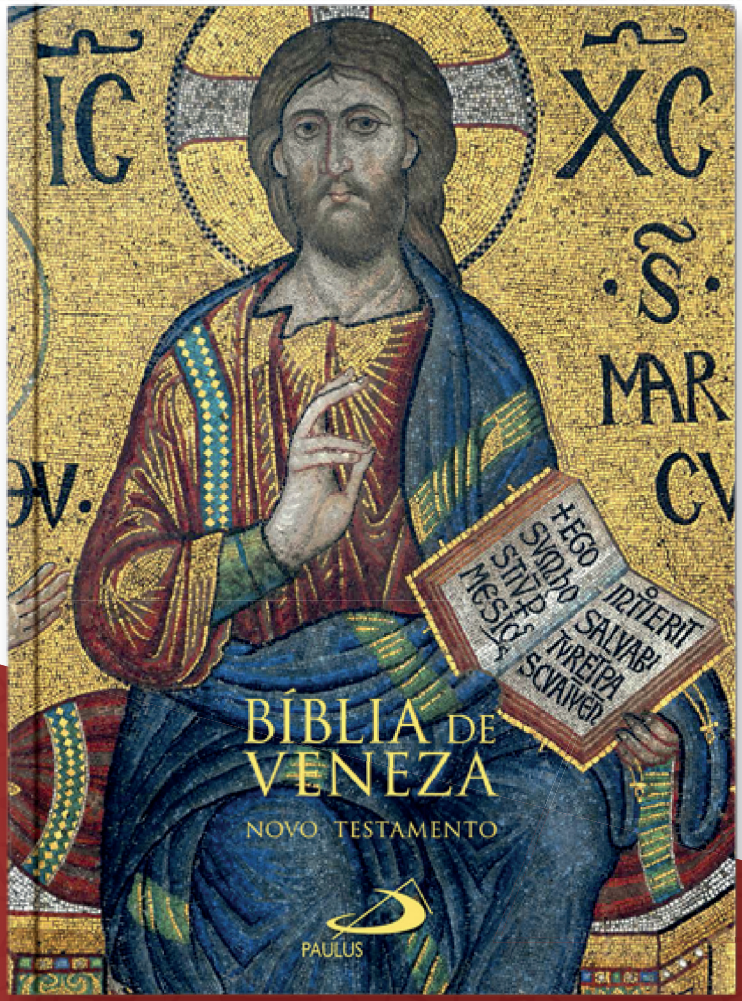


RASTROS DO SAGRADO NA LITERATURA DE CLARICE LISPECTOR

BÍBLIA de VENEZA



O projeto editorial da Bíblia de Veneza é guiado por uma afirmação de João Paulo II, que nos lembra que uma fé que não se torna cultura é uma fé não plenamente aceita, não inteiramente pensada, não fielmente vivida.



O livro é uma edição de luxo do Novo Testamento e apresenta a grandeza dos textos sagrados aliados às impressionantes imagens que revestem as paredes da Basílica de São Marcos, em Veneza, na Itália. Além disso, o título possui um acabamento especial, repleto de beleza e delicadeza, sendo uma escolha perfeita para um presente ou para todos que acreditam que a Bíblia representa uma fonte de inspiração, matriz de cultura e um verdadeiro guia para a caminhada cristã.

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 0800-0164011
vendas@paulus.com.br
@editorapaulus

Aponte a câmera do seu celular e saiba mais!

PAULUS

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

Os filósofos antigos ensinam que a sabedoria nasce do espanto, da capacidade do encanto diante dos fenômenos mais ínfimos. As coisas, as pessoas e os fatos escondem sempre algo mais, além do senso comum e do que nossos sentidos conseguem alcançar. Desde o canto de um passarinho ao vaga-lume, com sua pequena luz atravessando a noite escura; ao vento que sopra nas árvores e as faz dançar; às vozes da natureza; aos tumultos das grandes cidades e seus concretos.

O mesmo se pode dizer da experiência do sagrado ou da mística. O ser humano não é capaz de tudo. Há um "mistério" que o envolve no começo, no meio e no fim da vida. Há uma força que ele não pode domar. Receba isso o nome de sorte ou destino; em essência, é uma "força sobrenatural" que move a existência, não somente humana, mas de todo o universo.

Sobrenatural, aqui, entendido como a capacidade de imaginação religiosa do ser humano, por meio da qual ele enfrenta o sagrado como uma realidade imensamente poderosa, misteriosa, temerosa e pauta a vida por esses significados.

A escritora Clarice Lispector (1920-1977) é uma das figuras extraordinárias movidas pelo espanto diante da existência. Uma das mais renomadas escritoras brasileiras do século XX, abordou os mais variados aspectos da condição humana e sua necessidade de estar conectada aos seres da natureza, uma vez que o humano é também matéria da natureza, porque pó (Gn 3,19). Mas, ao mesmo tempo, esse ser carrega em seu bojo o desejo de transcender o tempo e o espaço, de superar o meramente material: "E soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente" (Gn 2,7). O sopro divino plantou em nós uma centelha do sagrado, do eterno.

A obra de Clarice Lispector carrega os rastros do sagrado e está permeada de espiritualidade. Frequentemente aborda a natureza transcendental da existência humana. Em suas narrativas, explora a experiência interior dos personagens, suas dúvidas, medos e anseios, sugerindo a presença de algo além da realidade material. Os temas existenciais são recorrentes, como a busca pelo sentido da vida, a solidão, a identidade e a angústia.

Além disso, Lispector também adentra o sagrado na simplicidade do cotidiano. Suas narrativas muitas vezes se passam em ambientes domésticos e exploram os detalhes aparentemente banais da vida diária. No entanto, por meio de sua prosa lírica e introspectiva, expressa a profundidade e a complexidade desses momentos aparentemente comuns, aventando que o sagrado pode estar presente nas coisas mais simples e ordinárias.

Em *A paixão segundo G.H.*, por exemplo, a personagem principal vive uma experiência mística ao se confrontar com uma barata em seu apartamento, o que a leva a buscar uma compreensão mais profunda de sua própria existência. Em *A hora da estrela*, a personagem Macabéa é retratada quase como uma figura sagrada, apesar de sua vida simples e sem destaque, mostrando que o divino pode estar presente em todos nós, independentemente de posição social, econômica ou credo.

O livro *Água viva* também é fortemente espiritual, apresentando uma voz narrativa que reflete sobre a experiência humana em relação ao tempo e à conexão com o mistério divino.

Outras obras, como *Um sopro de vida*, *A maçã no escuro* e *Laços de família*, também trazem elementos espirituais e filosóficos, revelando uma busca constante pela compreensão da vida e do sagrado.

A linguagem poética, a espiritualidade e a teologia nas entrelinhas da obra de Clarice Lispector sejam inspiração para nossa pastoral e incentivo para a criatividade e sensibilidade em nossa missão, que possibilite a experiência com o transcendente e a conexão com o divino, de modo que, nas contradições próprias da história presente, ninguém seja impedido de viver o céu desde agora.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor

vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes e agentes de pastoral

Ano 64 - Nº 354
novembro-dezembro de 2023

PAULUS

© PAULUS – 2023
Pia Sociedade de São Paulo
Rua Francisco Cruz, 199
04117-091 – São Paulo - SP
paulus.com.br
ISSN – 0507-7184

Direção editorial
Darlei Zanon, ssp (mtb 0094255/SP)

Editor
Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp

Redação
vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial
Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Darci Luiz Marin, ssp
Paulo Sérgio Bazaglia, ssp
Darlei Zanon, ssp

Imagens
Romolo Picoli Ronchetti

Imagem da capa
Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação
Philipe Silva Ribeiro dos Santos

Revisão
Alexandre S. Santana
Tiago José Risi Leme

Impressão - PAULUS

Versão digital
vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica.
Área:
Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

Sumário

CLARICE LISPECTOR E O CHAMADO ANCESTRAL 4
Faustino Teixeira

ÁGUA VIVA: O INSTANTE EM CLARICE LISPECTOR..... 12
Maria José Caldeira do Amaral

LITERATURA DOS AFETOS EM CLARICE LISPECTOR..... 20
Aléxia Fernanda Lourenço Lopes

A BELEZA DA ARTE SACRA..... 28
Marcos Oliva

ROTEIROS HOMILÉTICOS..... 36
Izabel Patuzzo

Assinaturas

- Distribuição gratuita nas Livrarias PAULUS (1 exemplar por pessoa);
- Envio gratuito para as paróquias que fizerem o cadastro, a ser renovado anualmente (1 exemplar de cada edição por paróquia);
- Para receber em casa, basta fazer uma contribuição de 20 reais.
- O acesso ao *site* continua inteiramente gratuito: www.vidapastoral.com.br

Para contato:

paulus.com.br/loja
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
(11) 99974-1840
assinaturas@paulus.com.br
@editorapaulus

Aponte a câmera do seu celular e saiba mais!

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP
Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44, 45, 78, 79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE
Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA
Rua 28 de Setembro, 61 – Campina (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG
Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BOA VISTA – RR
Avenida Ville Roy, 5011 – sala 01
Centro
(95) 3212-5340 / 98122-0040
boavista@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF
SCS – Q.1 – Bloco I
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINA GRANDE – PB
Rua Afonso Campos, 233 – Centro
(83) 3182-0659 / 99956-0020
campinagrande@paulus.com.br

CAMPINAS – SP
Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS
Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS
Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES
Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT
Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR
Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC
Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE
Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO
Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA – PR
Rua XV de Novembro, 7466 - Lj. 1
(42) 9926-0224
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB
Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG
Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MACEIÓ – AL
Rua Barão de Alagoas, 32 – Centro
(82) 3142-0544
maceio@paulus.com.br

MANAUS – AM
Rua Itamaracá, 21 – Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN
Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS
Rua Dr. José Montaury, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE
Rua Camboa do Carmo, 83
Santo Antônio
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP
Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ
Rua México, 111–B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA
Rua Direita da Piedade, 75 – Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP
Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP
Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA
Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP
Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 / 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

TERESINA – PI
Rua Rui Barbosa, 45 – Centro
teresina@paulus.com.br

VITÓRIA – ES
Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

Faustino Teixeira*

*Faustino Teixeira é professor titular aposentado da Universidade Federal de Juiz de Fora e colaborador nos canais IHU e Paz e Bem. *E-mail*: dutiguera@gmail.com



Clarice Lispector e o chamado ancestral

Clarice Lispector é, talvez, uma das mais importantes escritoras do Brasil, com uma capacidade impressionante de tocar os mistérios mais enigmáticos da vida. O objetivo deste artigo, muito inspirado em papa Francisco e em sua percepção da íntima ligação entre as coisas, é justamente captar em Clarice o chamado ancestral, ou seja, a aproximação ao núcleo da vida pura, que situa o ser humano numa linda teia de relações, na qual ele pode perceber-se uma "espécie companheira", com sua singularidade específica, mas inserido como parte no emaranhado da teia vital. Isso Clarice trabalhou como poucos, e seu romance A paixão segundo G.H. *representa seu momento de maior penetração nesse mistério.*

"Quando meus olhos estão sujos da civilização, cresce por dentro deles um desejo de árvores e aves."

Manoel de Barros

INTRODUÇÃO

Nosso momento atual é marcado por uma consciência nova, de interconexão entre todas as coisas. O ser humano reconhece seu tecido terrenal, de alguém que é terra e cujo corpo vem constituído por elementos do planeta (FRANCISCO, 2015, p. 3). Não há como desconectar o ser humano do todo em que ele habita. É no interior da textura do mundo que ele traça seu crescimento, num "nexo singular de crescimento criativo dentro de um campo de relacionamentos desdobrando-se continuamente" (INGOLD, 2015, p. 12). O ambiente em que vive o humano é um feixe de emaranhamentos, uma trilha de relações marcadas por vida e movimento. É no seio do movimento que a vida se faz e se renova continuamente.

O que pretendo aqui, nesta reflexão, é justamente desentranhar, na literatura de Clarice Lispector, esse passo fundamental da interligação. Talvez seja ela uma das mais importantes escritoras brasileiras a serem tocadas pelo chamado animal e vegetal, avançando num campo desafiante que busca pensar para além da tradição humanista. Trata-se, como lembrou com acerto Evando Nascimento, de uma "literatura pensante", que situa com singularidade outros viventes além dos humanos no cenário da ficção e da poesia (NASCIMENTO, 2021, p. 31).

1. CLARICE E O APELO DA ANIMALIDADE E DA VEGETALIDADE

Clarice Lispector é uma escritora singular, marcada por uma sede diferencial, animada por "coração selvagem". Há nela, desde criança, uma impaciência com a vida habitual e uma voragem que a incendeia, sempre em busca do mistério da coisa que está sempre ali, submersa na vida cotidiana. Como uma eterna criança, deixa-se hospedar, com espanto e admiração, pelo

"O ambiente em que vive o humano é um feixe de emaranhamentos, uma trilha de relações marcadas por vida e movimento."



mistério do mundo que a rodeia, "com seus planetas e baratas" (LISPECTOR, 2020a, p. 65). Numa de suas crônicas, *Dies Irae*, Clarice sublinha uma gula peculiar pelo mundo. Assinala querer "comer o mundo", embora reconheça que ele, o mundo, só se dá de fato aos simples (LISPECTOR, 2018, p. 450).

É uma escritora de sentidos aguçados, sempre alerta para captar a música do cotidiano, em seus passos simples e naturais. Com o olhar afiado, como o de sua personagem Joana, Clarice reitera a urgência de uma silenciosa presença do existir, surpreendendo-se sempre "com o símbolo das coisas nas próprias coisas" (LISPECTOR, 2019b, p. 44).

Sua literatura é povoada por bichos, como os cachorros, os gatos, os cavalos, as galinhas, os micos, os peixes, as baleias, as minhocas, os besouros, as pombas, as tartarugas, os passarinhos, o louva-a-deus e o búfalo. Igualmente pelos bichos mais "repugnantes", como as baratas e os ratos. São os seres estranhos e esquisitos que emergem em seus romances, como *Cidade sitiada*: baratas velhas que saem dos esgotos ou ratos varridos do olhar público para manter uma aparência de limpeza no mundo civilizado. São seres que povoam também o mundo interior, como em grutas sombrias e obscuras, com seus animais soturnos, como os morcegos, o escorpião, os caranguejos e as aranhas.

Estamos diante de uma literatura animada pela maravilha que se combina com um "doce horror". Clarice é escritora que reconhece sua ancestralidade animal e a celebra. Sua vontade era mesmo nascer bicho, dada sua dificuldade e estupor com os humanos. Diz, por meio de uma personagem, que não ter nascido bicho é "sua secreta nostalgia" (LISPECTOR, 2019a, p. 60).

Seu anseio é pela "vibração do alegre", e, de repente, seus personagens humanos aparecem trotando com patas de cavalo. Diz em *Água viva* que "todos os seres vivos, que não o homem, são um escândalo de maravilhamento" (LISPECTOR, 2019a, p. 63). Para a escritora, ter um bicho "é uma experiência vital. E a quem não conviveu com um animal falta um certo tipo de intuição do mundo vivo" (LISPECTOR, 2018, p. 375).

Autores como Maria Esther Maciel e Evando Nascimento falam dessa zooliteratura de Clarice como um marco singular de sua reflexão. A rica fauna que encanta os leitores, também na sua literatura infantil. Redescobre-se igualmente, com rara beleza, sua fitoliteratura, com o encanto das rosas e pitangas, como na crônica *Cem anos de perdão*. Ali encontramos a paixão da criança pela rosa proibida e a alegria de poder contê-la na mão (LISPECTOR, 1999, p. 299). Sua paixão pelas flores ressoa num repertório maravilhoso, a começar pelas rosas, mas também envolvendo cravos, girassóis, violetas, sempre-vivas, tulipas, jasmins, damas-da-noite, gerânios, crisântemos e edelvais (LISPECTOR, 2019a, p. 64-66).

Somos igualmente tocados por admiração diante das descrições feitas por Clarice da riqueza do Jardim Botânico e da floresta da Tijuca, onde as árvores se revelam "mais vegetais que nunca". As "miúdas rosas

silvestres", do conto *A imitação da rosa*, levaram quase ao êxtase Caetano Veloso e Marina Colasanti. A extrema beleza dessas flores era algo que "incomodava" e provocava fissuras de loucura. Bela também é a descrição clariceana do "milagre das folhas", no *Livro dos prazeres*. O olhar do leitor concentra-se numa das folhas, que cai sobre os cílios de Lóri, e esta percebe, no acontecimento, a grande delicadeza de Deus (LISPECTOR, 2020b, p. 107).

Evando Nascimento sinaliza que, em geral, a crítica literária não levou a sério o papel singular dos vegetais na literatura de Clarice, e então ele se dedica com afinco a ressaltar essa questão tão importante no tempo atual. Aponta-a como a escritora brasileira que promove o "encontro entre as alteridades humanas e não humanas" (NASCIMENTO, 2021, p. 187), conseguindo avançar para além desta humanidade "ensopada de humanização". Trata-se da autora que nos convida a transformar a dura "pegada" humana no planeta. Ela nos faz ver a importância da delicadeza e do cuidado com as coisas do mundo, o qual, sem atenção, pisamos "com uma pata humana demais" (LISPECTOR, 2020a, p. 154).

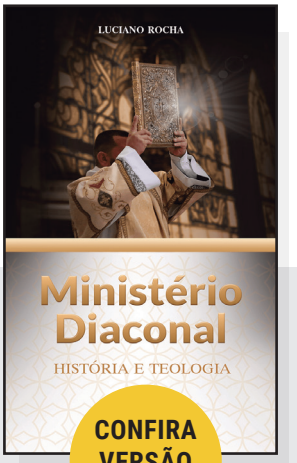
2. O MISTÉRIO DA COISA

Em todo o seu itinerário de escritora, Clarice teve sempre como marco referencial a busca da coisa, do neutro (*it*) e do mundo real. Desde o seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, de 1943, viu-se tomada pelo desejo imperativo de "perseguir esse núcleo de vida pura que nos iguala aos animais e nos despe de nosso manto cultural" (CASTELLO, 2011, p. 9). Pode-se talvez identificar esse núcleo vital como aquele "é" que se encontra detrás das palavras. Trata-se daquela "coisa mais primeira" que é "fonte de geração" (LISPECTOR, 2019a, p. 33). Essa nervura do real é o que Clarice havia buscado a vida inteira e que percebia ser a "identidade

Ministério diaconal

História e Teologia

Luciano Rocha Pinto



384 págs.

CONFIRA VERSÃO E-BOOK

Imagens meramente ilustrativas.

O livro está dividido em duas partes e aborda inicialmente a história do diaconato, desde o contexto de seu surgimento, com os Sete Helenistas, para depois passar a tratar da teologia relacionada a esse ministério, analisando qual deve ser a contribuição do diácono no mundo atual. No fim do estudo há uma linha do tempo com os principais personagens, acontecimentos e documentos que formaram a visão da Igreja sobre o "servir às mesas".

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

mais última" (LISPECTOR, 2020a, p. 133), a fonte de alegria mais profunda e secreta. Para alcançar o que seria difícil expressar por palavras, ela fala em "fundo musical" que se camufla atrás do pensamento e promove a "dança" mais significativa da vida, em busca da dinâmica do real (LISPECTOR, 2019a, p. 56).

Quando se margeia esse núcleo essencial, esse "fundo" (*Grunt*) que também foi expresso belamente pelo místico Mestre Eckhart no século XIII, toca-se o mistério da liberdade, vista por Clarice como seu "último refúgio". A escritora disponibilizou-se a ouvir esse "grito ancestral", colocando-se numa posição de risco, bem rente à "beira" da normalidade, ao "outro lado" desconhecido e temido por todos.

Em ato de ousadia literária das mais aguçadas, Clarice decide avançar no mais íntimo interior, visando "encontrar, no mergulho introspectivo do êxtase, uma realidade abismal e incontrolável, sem beleza ou consolo, ao mesmo tempo repulsiva e fascinante, inseparável do grotesco" (NUNES, 1995, p. 62). Em romances específicos, podemos acompanhar esse movimento de ousadia da escritora, em personagens que refletem seu *alter ego*. Deparamos com passagens preciosas, em que partilhamos uma experiência epifânica, também identificada pela autora como um "estado de graça". É o que ocorre, por exemplo, num de seus mais belos contos, *Amor*, quando a personagem Ana, impactada pela imagem de um cego mascando chicles, vive a experiência de um tumulto interior que "despedaça" a arquitetura de sua vida normal e a direciona ao Jardim Botânico, onde então vive uma epopeia íntima diante da natureza. Estava ali perante a vastidão de árvores, frutas, caroços, ramos, pequenas flores e enxame de insetos que embaraçavam sua visão e promoviam um trabalho secreto em seu mundo particular. A narradora sublinha que aquele mundo, ao mesmo tempo que imaginário, era vivamente real, "um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dálias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudos, o abraço era macio, colado" (LISPECTOR, 2016, p. 151).

Ana teve, no Jardim Botânico, uma experiência ambígua de alegria e sofrimento. Teve "medo do inferno", diante de tanta beleza. Deu-se conta de que a vida era mesmo "periclitante", mas suscitava um amor magnífico. Não tinha como escapar ao evento, algo se rompia ali no ritmo habitual da rotina de seus dias, como a quebra de uma "crosta" assegurada. Por um instante, para Ana, "a vida sadia que levara até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver" (LISPECTOR, 2016, p. 152). Ela "amava o mundo" e teve ali uma experiência de graça. Como todo estado de graça, não tinha como aguentar aquela epifania por muito tempo. Tinha de retornar ao seu ritmo tradicional, mas já não era a mesma. Olga de Sá, estudiosa de Clarice, assinala que "todos os que passam pelas epifanias de beleza", como Ana, acabam voltando.

"O olhar do leitor concentra-se numa das folhas, que cai sobre os cílios de Lóri, e esta percebe, no acontecimento, a grande delicadeza de Deus."



Voltam, porém, distintos, pois experimentam as "manifestações instantâneas do núcleo da vida" (SÁ, 1993, p. 153).

Sobre esse estado de graça, Clarice Lispector falou por diversas vezes, como na crônica no *Jornal do Brasil* em 6 de abril de 1968. Na presença dessa graça, vive-se um estado simultâneo de alegria, leveza e lucidez, o que possibilita um olhar diferencial para o mundo e os outros. No olhar depurado e gratuito, consegue-se captar com eloquência "a profunda beleza, antes inatingível, de outra pessoa" (LISPECTOR, 1999, p. 91). Isso me faz lembrar do "ponto virgem" (*le point vierge*) expresso por Thomas Merton em suas reflexões. Aquele "pontinho de nada", de "absoluta pobreza", que traduz o centro do próprio ser (MERTON, 1970, p. 183). O estado de graça não é algo que está ancorado na vontade, mas é gratuito e espontâneo. Vem, assim, sem que ninguém o provoque. Não é algo dado com frequência nem pode durar muito caso contrário, o sujeito que o experimenta corre o risco de passar definitivamente "para o outro lado da vida" (LISPECTOR, 1999, p. 92). O místico Bernardo de Claraval sublinha que um estado semelhante, de pura graça, ocorre numa rara hora e num breve tempo: "rara hora et parva mora" (CHIARAVALLE, 1996, p. 258). Trata-se da experiência de "existir". É algo tão fora do comum, que, se ocorresse com frequência ou demorasse mais tempo do que o devido, poderia levar à loucura (LISPECTOR, 2020b, p. 146).

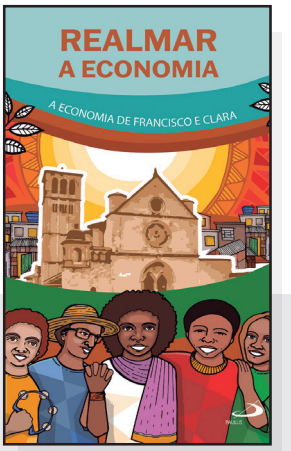
3. O CHAMADO PRIMORDIAL

A experiência de estar à beira vem radicalizada no romance *A paixão segundo G.H.*, de 1964. A história é aparentemente simples. Consiste no relato de um episódio na vida de G.H., uma escultora da classe alta que decide arrumar sua casa, a começar pelo quarto da empregada Janair,

Realmar a economia

Economia de Francisco e Clara

Eduardo Brasileiro (org.)



Imagens meramente ilustrativas.

O capitalismo e sua versão mais agressiva, o neoliberalismo, transformaram a convivência numa guerra de todos contra todos. Para nos salvar desse caminho, de possível sofrimento e até de nossa extinção definitiva, o papa Francisco nos convida a repensar a forma com que cuidamos de nossa casa (*Oikos*), propondo uma economia refundada nos valores do cuidado e do amor: a Economia de Francisco e Clara.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

"Toda essa rica dinâmica que se processa na reflexão literária de Clarice Lispector aponta para uma celebração da imanência."

que havia acabado de deixar o emprego. Tudo acontece no trajeto que vai da sala ao quarto de empregada. Até então, a vida de G.H. era marcada por uma rotina bem previsível. Ela era simplesmente o que os outros sempre haviam reconhecido. Era uma pessoa "agradável", de "amizades sinceras". Não podia jamais imaginar que, naquele curto percurso, estaria a "um passo da descoberta de um império" (LISPECTOR, 2020a, p. 21).

O que vai ocorrer com G.H. é visto por ela como a perda de algo essencial, mas na verdade é um processo vital de dessubstancialização, de despojamento das amarras do eu, de desorganização de um sistema. Estava diante da possibilidade de outro modo de ser e não se sentia, assim, preparada para tal aventura. Era como despertar para instintos que foram antes abafados (LISPECTOR, 2018, p. 375). Mas arriscou. Enquanto ela estava presa às suas circunstâncias tradicionais, estava segura e contente. O passo que iria dar era em direção a uma "aterradora liberdade" e podia ser fatal.

Foi por intermédio de uma barata que toda a mudança em G.H. se processou. A metamorfose em G.H. se dá como uma descoberta da ancestralidade. A escultora se vê confrontada com um ser que já estava na terra desde muito tempo, "há trezentos e cinquenta milhões de anos", resistindo a todas as intempéries. E esse ser era de sua mesma substância. Nesse encontro inesperado, a personagem descobre, com seu olhar, estar diante de sua vida mais profunda, que é matéria vertente, inumana. Ela diz: "Eu fora obrigada a entrar no deserto para saber com horror que o deserto é vivo, para saber que uma barata é a vida. Havia recuado até saber que em mim a vida mais profunda é antes do humano" (LISPECTOR, 2020a, p. 134). A barata, "que enchia o quarto de vibração", era, na verdade, um chamado impactante de uma fonte arcaica, de matéria viva similar. A escuta desse chamado vem representada de forma esplêndida pela escritora:

> Como se uma mulher tranquila tivesse simplesmente sido chamada e tranquilamente largasse o bordado na cadeira, se erguesse, e sem uma palavra – abandonando sua vida, renegando bordado, amor e alma já feita – sem uma palavra essa mulher se pusesse calmamente de quatro, começasse a engatinhar e a se arrastar com olhos brilhantes e tranquilos: é que a vida anterior a reclamara, e ela fora (LISPECTOR, 2020a, p. 68).

G.H. é tomada por esse "grito ancestral" e, hipnotizada, não consegue se livrar do quarto onde a metamorfose se deu. Como aponta Olga de Sá, a escultora percebe "que o mundo não é humano e a pessoa é uma construção 'sentimentária' e útil, crosta superficial sob a qual lateja o inumano, a matéria do Deus. A crosta arrebenta como um dique e se refaz o silêncio primeiro da origem das coisas" (SÁ, 1993, p. 146). É como se do ventre "vivo e mole" do inseto se desfraldasse o fruto e matéria-prima do mundo. A percepção desse "tecido misterioso" era também o mergulho num nada renovador.

A mudança que se processa desarma o mundo arranjado e seguro de G.H., desmorona construções assentadas e provoca uma alquimia fantástica. Trata-se, na verdade, de um exercício de desaprendizagem, pelo qual, mediante a quebra de um invólucro,

se capta o núcleo da vida. No evento da despersonalização que se processa, G.H. "se perde como pessoa, para alcançar-se como ser e encontrar sua identidade, ao nível do puramente vivo" (SÁ, 1993, p. 137).

O que ocorre é também uma experiência de "deseroização", que quebra com o exclusivismo humano, a bipolaridade entre sujeito e objeto, a fim de resguardar a essencial inter-relação que vigora entre todas as coisas.

CONCLUSÃO

Toda essa rica dinâmica que se processa na reflexão literária de Clarice Lispector aponta para uma celebração da imanência. Poderíamos até falar numa "mística" da imanência radical, da epifania do cotidiano. O ritmo da reflexão da escritora é pontuado pelo valor do aquém, a ideia diversas vezes repetida de que o "reino" é deste mundo. O divino se revela no real, e Deus está presente por toda parte, como "no barulho neutro das folhas ao vento", de forma muito mais arraigada que nas preces tradicionais (LISPECTOR, 2020a, p. 133). No murmúrio do neutro, presente no canto das coisas, é que se dá o mistério mais profundo. Estamos, portanto, diante de uma "mística ao revés", uma santidade profana e leiga (SÁ, 1993, p. 135). Uma experiência vital que convoca o sujeito não a uma comunhão para além do tempo, mas ao encontro do mistério "nas coisas que compõem o presente humano (LIMA, 1969, p. 119). VP

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLO, José. Introdução. *In*: CASTELLO, José (org.). *Clarice Lispector na cabeceira*: romances. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CHIARAVALLE, Bernardo di. Sermone XXIII. *In*: CHIARAVALLE, Bernardo di. *Sermoni sul Cantico dei Cantici*. v. 1. Roma: Vivere In, 1996.

FRANCISCO, Papa. *Laudato Si'*: Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

INGOLD, Tin. *Estar vivo*: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

LIMA, Luiz Costa. *Por que literatura*. Petrópolis: Vozes, 1969.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2020a.

LISPECTOR, Clarice. Água viva. Rio de Janeiro: Rocco, 2019a.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 2019b.

LISPECTOR, Clarice. *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020b.

MERTON, Thomas. *Reflexões de um espectador culpado*. Petrópolis: Vozes, 1970.

NASCIMENTO, Evando. *O pensamento vegetal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

NUNES, Benedito. *O drama da linguagem*: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1995.

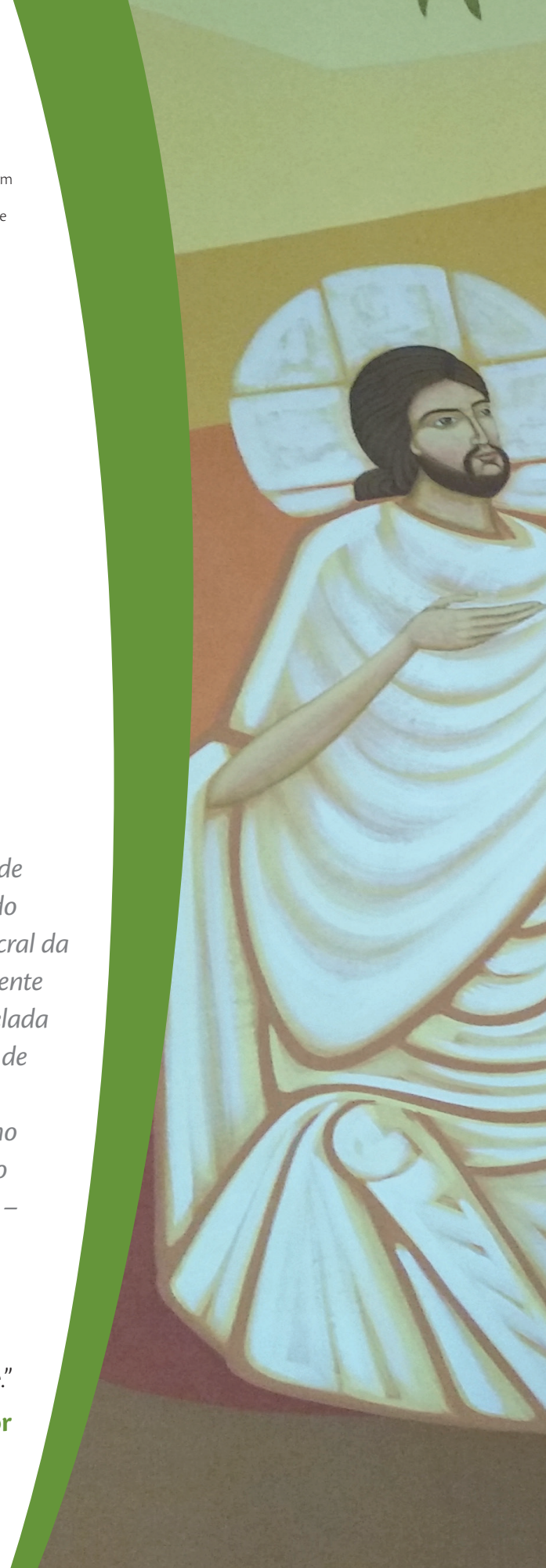
SÁ, Olga de. *Clarice Lispector*: a travessia do oposto. São Paulo: Annablume, 1993.

Maria José Caldeira do Amaral*

*Maria José Caldeira do Amaral é psicóloga clínica, mestre e doutora em Ciências da Religião/CREPUC-SP, coordenadora do grupo de pesquisa A Experiência Mística e o Conhecimento – Amor, Desejo, Sofrimento e Êxtase (Labô PUC-SP/Fundasp). *E-mail*: mjc.doamaral@gmail.com

Água viva: o instante em Clarice Lispector

Este ensaio apresenta a intuição mística de Clarice Lispector, constelada no abismo do silêncio inesperado – desdobramento fulcral da intuição do instante –, que, estando presente na palavra intocada de Água viva, *é revelada em toda a sua literatura. Na experiência de sentir o silêncio, Clarice conduz o leitor à possibilidade do milagre e da beatitude no espanto e na urgência do encontro com o indizível "que nem o pensamento pensa" – na mudez da Palavra de Deus.*



"A realidade é mais inatingível que Deus – porque não se pode rezar para a realidade."

Clarice Lispector



"A NATUREZA VIVA, INDIFERENTE E COMUM AO MUNDO E DO MUNDO, CONVERSA COM O INORGÂNICO, COM O INFINITO, COM O MISTÉRIO DO IMPESSOAL."

Introdução

O objetivo principal deste artigo é destacar, na obra *Água viva* de Clarice Lispector, o sentido contemplativo do instante, personagem principal dessa narrativa. Segundo Clarice, pronunciar sílabas cegas de sentido ou pintar são as únicas maneiras de tentar dizer o que sabe, mas não pode dizer. É preciso, contudo, usar as palavras no sentido corpóreo, "em luta com a vibração última". A palavra de *Água viva* é nova para Clarice e para o leitor. Para a autora, até o momento em que escreve, no início do livro, sua verdadeira palavra está intocada. *Água viva*, seiva da vida natural, está antes do pensamento e aponta para a intuição do instante: supõe, ainda, uma contemplação, corpo a corpo, com o *it* e com a *coisa* configurada na matéria viva – nua e úmida, na placenta. A intuição de Clarice é voltada para o instante: o *it* vivo no qual o instante é encontra-se bem configurado no ato do amor, no qual

> [...] – pela límpida abstração de estrela do que se sente – capta-se a incógnita do instante que é duramente cristalina e vibrante no ar e a vida é esse instante incontável, maior que o acontecimento em si: no amor o instante de impessoal joia refulge no ar, glória estranha do corpo, matéria sensibilizada pelo arrepio dos instantes – e o que se sente é ao mesmo tempo que imaterial, tão objetivo que acontece como fora do corpo, faiscante no alto, alegria, alegria é a matéria de tempo e é por excelência o instante (LISPECTOR, 1998a, p. 9-10).

1. O instante

Acompanhar um tema como o do instante, que é o tema de vida e obra em Clarice Lispector, leva-nos a toda a sua literatura e aos instantes nos quais ela sustenta seu compromisso com a verdade da *coisa*: "A verdade está em alguma parte: mas inútil pensar. Não a descobrirei e, no entanto, vivo dela" (LISPECTOR, 1998a, p. 29). Clarice arrisca-se a não descobrir a verdade da qual vive no *it* vivo no qual o instante é e no instante vivo no qual o *it* é, ou seja, a possibilidade da erupção da criação incorporada em uma única forma, que caracteriza a expressão dessa coincidência que não poderia ser outra – portanto, a verdade da *coisa*. A poesia em prosa de *Água viva* supõe a aliança da arte com a arte (a pintura e a literatura), do pensamento com a declaração da consciência da impossibilidade de dizer tudo que se sabe, a qual caracteriza o querer da autora para si, atravessando tanto "o substrato vibrante da palavra repetida em canto gregoriano" (LISPECTOR, 1998a, p. 11) quanto o plasma – "quero me alimentar diretamente da placenta" (LISPECTOR, 1998a, p. 9) – para "capturar o presente que pela sua própria natureza me é interdito" (LISPECTOR, 1998a, p. 9).

Em *A paixão segundo G.H.*, está posto o mergulho com as entranhas vivas e o abandono dos próprios atributos para tocar no "misterioso fogo manso daquilo que é um plasma" e atingir a própria neutralidade viva, capaz de captar o instante, o milagre. É, também, a mesma protagonista que descreve sua descida ao inferno como o *neutro*, em sintonia com o instante no qual ele acontece e, atenta a tudo que constitui o momento, "em

luta com a vibração última" (LISPECTOR, 1998a, p. 11); nesse estado, a *coisa*, essa palavra que existe antes da palavra, atrás do pensamento e antes da criação, prescreve e pressente um curso criador, como na sensibilidade do intelecto de Fayga Ostrower, na qual não seria possível criar sem intuir; existe um vislumbre, uma visão "que encerra um pressentimento, até mesmo uma espécie de pré-conhecimento, em função do qual se *reconhece* a validez das possibilidades que surgem na mente, identificando-as como dados reais de uma nova configuração" (OSTROWER, 1998, p. 56). A configuração do nascer com o tempo e crescer nele constela a escrita com respeito a esse vislumbre, que é orgânico e sincrônico a uma aleluia que há no fundo de tudo e está contido no que existe entre o nunca e o sempre, "que os liga tão indiretamente e intimamente" (LISPECTOR, 1998a, p. 33). Desprovida de vontade, pura, só, na obscuridade criadora, porém, a escuridão é lúcida e a estupidez luminosa:

> No fundo de tudo há a aleluia.
> Este instante é. Você quem me lê é.
> [...]
> A impressão é que estou por nascer e não consigo.
> Sou um coração batendo no mundo.
> Você que me lê que me ajude a nascer.
> Espere: está ficando escuro. Mais.
> Mais escuro.
> O instante é de um escuro total.
> Continua.
> Espere: começo a vislumbrar uma coisa.
> Uma forma luminescente.
> [...]
> Espere – pois sairei dessa escuridão onde tenho medo, escuridão e êxtase. Sou coração da treva.
> [...]
> Agora as trevas vão se dissipando.
> Nasci.
> Pausa.
> Maravilhoso escândalo: nasço (LISPECTOR, 1998a, p. 33-34).

O escândalo do nascimento desvela o eu puro, virgem – o *it*, o que não se sabe, que é sinônimo do insuportável, isto é, o tempo em que "quando a existência de mim e do mundo ficam insustentáveis pela razão – então me solto e sigo uma verdade latente" (LISPECTOR, 1998a, p. 37). A tessitura da verdade latente está no fazer-se até chegar ao caroço: "o mundo por um instante é o que o meu coração pede. Estou prestes a morrer-me e constituir novas composições" (LISPECTOR, 1998a, p. 37); sentir a própria neutralidade viva, capaz de captar o "instante já"; o milagre e a aleluia existentes no fundo de tudo estão no fazer-se até o caroço, acessando as entranhas vivas e o abandono dos próprios atributos para tocar e ser tocado no e pelo tal instante do *it*, na verdade da *coisa*: "Eu sou puro it que pulsava ritmadamente" (LISPECTOR, 1998a, p. 35). A narradora, que escreve a um homem que amou, não promete uma história, nem mesmo uma ficção, mas sustenta o fato de que o *it* pode ser insuportável ou mesmo insustentável: "Mas tem it. Quem suporta? It é mole e é ostra e é placenta" (LISPECTOR, 1998a, p. 35). No cenário da fonte de água pura – fontes, lagoas e cachoeiras, a semente viva, as cavernas com seus viços, lodos lamacentos, seus bichos venenosos, nojentos e macabros –, a natureza viva, indiferente e comum ao mundo e do mundo, conversa com o inorgânico, com o infinito, com o mistério do impessoal. A prima matéria, essência e extrato vital que mantém e renova a vida, é surpreendida pela ação da *coisa*, no instante do mistério do impessoal que é o *it*:

> [...] eu tenho o impessoal dentro de mim e não é corrupto e apodrecível pelo pessoal que às vezes me encharca: mas seco-me ao sol e sou um impessoal de

> caroço seco e germinativo. Meu pessoal é húmus na terra e vive do apodrecimento. Meu "it" é duro como uma pedra-seixo (LISPECTOR, 1998a, p. 28).

Água que brota da fonte, na escrita e na palavra de Clarice está seu compromisso com o nascer – maravilhoso escândalo – que é a vida, cujo tempo é o instante: "só me comprometo com vida que nasça com o tempo e com ele cresça: só no tempo há espaço para mim" (LISPECTOR, 1998a, p. 10). Esse espaço encharcado pelo pessoal apodrecível tem o mistério do impessoal, duro como uma pedra-seixo, junto a si configurado. O viver e o morrer, imersos no que grita e pulula, são sutis como a realidade mais intangível, e o contato com o invisível núcleo da realidade é de tangível pureza. *Água viva* detém essa pureza tangível do núcleo da realidade que percorre o tempo, o milagre e a beatitude, no enfrentamento da própria neutralidade viva, capaz de captá-los. A neutralidade sugere o *it* porque recebe o tempo virgem, indiferente; ela, a neutralidade viva, é a assepsia original, por excelência, daquilo que é no antes do pensamento, no antes da imagem e, por conseguinte, no antes mesmo das sensações possíveis ao se projetarem e nominarem as coisas: a *coisa*.

Contudo, o milagre e a beatitude são e estão nesse tempo original que insiste em irromper como instante. Em *A paixão segundo G.H.,* o milagre era "um desejo de descontinuidade e de interrupção, o desejo de uma anomalia: eu chamava de milagre exatamente o momento em que o verdadeiro milagre contínuo do processo se interrompia" (LISPECTOR, 2009, p. 169).

2. O estado de graça

A interrupção no tempo em que ocorre o verdadeiro milagre contínuo era o instante da beatitude no tempo manifesto e indiferente – uma anomalia. O descontinuar, o suspender – Clarice fala mesmo em transporte e levitação – como a sensação possível para descrever a beatitude, a bem-aventurança ou, ainda, o estado de graça. O que encontra no verbete "beatitude", com a intenção de entender e escrever para tornar eterno esse instante, não a atraiu e discorda dos sentidos encontrados no dicionário, tais como absorção em contemplação mística, gozo da alma e felicidade tranquila. Sua experiência é de silêncio e espanto, sentindo-se um objeto urgente, sendo indizível o que lhe aconteceu em forma de sentir. Clarice parece suplicar ao homem a quem amou e ao qual escreve, e também ao leitor, a empatia de sentir com ela essa felicidade suprema, imersa nessa sensação súbita, porém suave. "A luminosidade sorria no ar: exatamente isso. Era um suspiro do mundo" (LISPECTOR, 1998a, p. 79). A narradora desvela esse instante, aqui também, como o estado de graça, que se manifesta e se revela e não tem nenhuma utilidade nem algo especial, como a inspiração que acontece aos artistas possuir. "É como se viesse apenas para que se soubesse que realmente

"CLARICE FALA MESMO EM TRANSPORTE E LEVITAÇÃO – COMO A SENSAÇÃO POSSÍVEL PARA DESCREVER A BEATITUDE, A BEM-AVENTURANÇA OU, AINDA, O ESTADO DE GRAÇA."

se existe e existe o mundo [...]. É uma lucidez de quem não precisa mais adivinhar: sem esforço, sabe. Apenas isto: sabe. Não me pergunte o quê, porque só posso responder do mesmo modo: sabe-se" (LISPECTOR, 1998a, p. 79-80). Há também, contudo, uma bem-aventurança física incomparável, na qual o corpo se transforma em um dom, sendo experimentada a dádiva indubitável de existir no milagre e na matéria em fonte direta. "Não é nem de longe o que mal imagino deve ser o estado de graça dos santos. [...] É apenas a graça de uma pessoa comum que a torna de súbito real porque é comum e humana e reconhecível" (LISPECTOR, 1998a, p. 80).

E Clarice prossegue no intento da permanência da eternidade contínua na escrita de *Água viva*: o instante está em algo como "à margem da beatitude", subsidiada por um pensamento livre, sem autor, e essa é a marca da beatitude:

> A beatitude começa no momento em que o ato de pensar liberou-se da necessidade de forma. A beatitude começa no momento em que o pensar-sentir ultrapassou a necessidade de pensar do autor – este não precisa mais pensar e encontra-se agora perto da grandeza do nada. Poderia dizer do "tudo". Mas "tudo" é quantidade, e quantidade tem limite no seu próprio começo. A verdadeira incomensurabilidade é o nada, que não tem barreiras e é onde uma pessoa pode espraiar seu pensar-sentir (LISPECTOR, 1998a, p. 82).

Finalmente, na perspectiva de uma autobiografia (MANZO, 1998), Clarice se manteve na graça da narradora e, como a narradora, sentada, quieta e silenciosa. A experiência no momento ou perto do instante é próxima à da anunciação, não precedida por anjos, "mas é como se o anjo da vida viesse me anunciar o mundo" (LISPECTOR, 1998a, p. 80). O mundo anunciado é o momento em que ganha

Comunicar para humanizar

A comunicação a partir do papa Francisco

Marcus Tullius (org.)



144 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Ao comemorar dez anos do pontificado do papa Francisco, o livro retoma suas profundas e necessárias reflexões para o tempo presente, revisitando suas mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais. Além das mensagens, a obra traz comentários escritos por profissionais cristãos que, da pastoral à academia, atuam de forma comprometida e competente na área da comunicação.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

corpo e alma e continua a respiração do mundo inscrita em seu tempo, atravessada pela intuição do instante, presente em toda a obra de Clarice Lispector. Em *Água viva* está a vibração interna do *it* que flui na literatura completa: o objeto gritante, a ausência de Deus como um ato de religião – o instante do desespero que é divino, mesmo para os crentes. A necessidade de Deus mais que da força humana e a necessidade de Deus vir a ela, já que não tem ido a ele, compõem a entrega, a aceitação do pior e a entrada no âmago da morte estando viva:

> Que o Deus venha: por favor. Mesmo que eu não mereça. Venha. Ou talvez os que menos merecem mais precisem. Sou inquieta e áspera e desesperançada. Embora amor dentro de mim eu tenha. Só que não sei usar amor. Às vezes me arranha como se fossem farpas. Se tanto amor dentro de mim recebi e no entanto continuo inquieta é porque preciso que Deus venha. Venha antes que seja tarde demais. Corro perigo como toda pessoa que vive. E a única coisa que me espera é o inesperado. Mas sei que terei paz antes da morte e que experimentarei um dia delicado da vida. Perceberei – assim como se come e se vive o gosto da comida. Minha voz cai no abismo do teu silêncio. Mas nesse ilimitado campo mudo desdobro as asas, livre para viver. Então aceito o pior e entro no âmago da morte e para isso estou viva. O âmago sensível. E vibra-me esse it (LISPECTOR, 1998a, p. 51).

3. Intuição mística

Clarice reconta as nuances do instante vital e personifica as sensações atrás do pensamento em estado neutro, compreendendo a fatalidade do acaso, sem que exista nisso contradição (LISPECTOR, 1998a, p. 62-63). A vibração do *it*, o impessoal vivo do *it* cruza o saber do coração batendo no peito, o devorar de uma vida violenta e trágica, na qual as cobras se enlaçam enquanto as estrelas tremem e, ainda, pingam gotas de água na obscuridade fosforescente da gruta.

Na *descese* de Clarice – como apreende, de fato, Berta Waldman (1992) –, é importante considerar o instante, personagem principal de *Água viva*, como uma denúncia no mundo vivo e nu, isto é, no plasma de sua narrativa, na grandeza e na incomensurabilidade do nada, e, no silêncio, respirar as interrupções no tempo em que ocorre o milagre do tempo contínuo, em que a escrita nua (PENNA, 2010) inspira e respira o que a palavra não é capaz de dizer: o *it*. A *coisa*.

Ainda que desprovida de qualquer sensação extática, a intuição mística de Clarice se dá no abismo do silêncio do inesperado e na dádiva indubitável de existir no milagre e na matéria visceral em fonte direta.

Na dúvida do acometimento da Graça, em *Um sopro de vida*:

> O que está me acontecendo é a Graça? Porque o corpo eu não o sinto, ele não me pesa, nem deseja, o espírito não se contorce e não busca, envolve-me numa aura luminosa de silêncio: pairo no ar, livre do tempo mas plenamente neste próprio instante, sem antes, nem depois. Me recebo e o mundo não me toca. Para eu ser duas e haver a participação do estado, olho-me ao espelho, olho a outra de mim. E vejo que minha aparência fluida tem a graça do flutuante rosto humano. Então sinto com um prazer delicadíssimo que sou uma. E um ar de verdade. Estou finalmente descalça (LISPECTOR, 1987, p. 142).

Na condição humana constelada na dor que somos, já que vivê-la é nossa paixão, em *A paixão segundo G.H.*:

> É exatamente através do malogro da voz que se vai pela primeira vez ouvir a própria mudez e a dos outros e a das coisas, e

aceitá-la como a possível linguagem. Só então minha natureza é aceita, aceita com seu suplício espantado, onde a dor não é alguma coisa que nos acontece, mas o que somos. E é aceita a nossa condição como a única possível, já que ela é o que existe, e não outra. E já que vivê-la é a nossa paixão. A condição humana é a paixão de Cristo (LISPECTOR, 2009, p. 175).

Na *Via crucis do corpo,* em "Por enquanto", sem assunto:

A questão é saber aguentar. Pois a coisa é assim mesmo. Às vezes não se tem nada a fazer e então se faz pipi. Mas se Deus nos fez assim, que assim sejamos. De mãos abanando. Sem assunto (LISPECTOR, 1998c, p. 45).

No vazio que enche a alma dos santos, em *A hora da estrela*:

A maior parte do tempo tinha sem o saber o vazio que enche a alma dos santos. Ela era santa? Ao que parece. Não sabia que meditava pois não sabia o que queria dizer a palavra. Mas parece-me que sua vida era uma longa meditação sobre o nada. Só que precisava dos outros para crer em si mesma, senão se perderia nos sucessivos e redondos vácuos que havia nela. Meditava enquanto batia à máquina e por isso errava ainda mais (LISPECTOR, 1999, p. 44).
Aquela relutância em ceder, mas aquela vontade do grande abraço. Ela se abraçava a si mesma com vontade do doce nada. Era uma maldita e não sabia. Agarrava-se a um fiapo de consciência e repetia mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou, eu sou. Quem era, é que não sabia. Fora buscar no próprio profundo e negro âmago de si mesma o sopro de vida que Deus nos dá (LISPECTOR, 1999, p. 85).

Silêncio. Se um dia Deus vier à terra haverá silêncio grande. O silêncio é tal que nem o pensamento pensa (LISPECTOR, 1999, p. 87).

Na mudez da palavra de Deus, em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*:

Já quis estar morta, não porque não quisesse a vida – a vida que ainda não lhe dera o seu segredo – mas porque ansiava por essa integração sem palavras. Mas a palavra de Deus era de tal mudez completa que aquele silêncio era Ele próprio (LISPECTOR, 1998b, p. 65). VP

Referências Bibliográficas

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

LISPECTOR, Clarice. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998c.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.

LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.

MANZO, Lícia. *Era uma vez: eu*: a não ficção na obra de Clarice Lispector. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura: The Document Company – Xerox do Brasil, 1998.

OSTROWER, Fayga. *A sensibilidade do intelecto*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

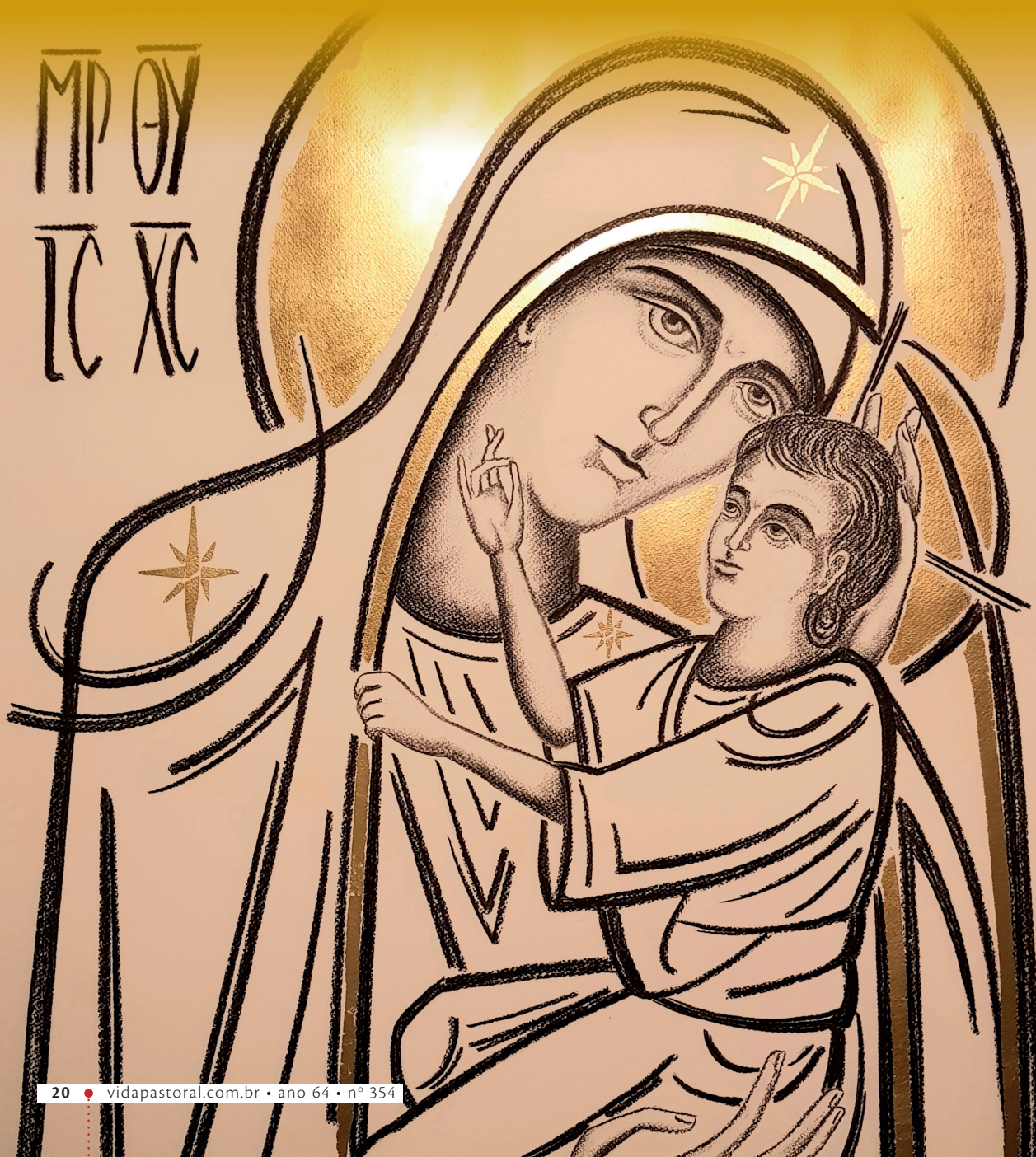
PENNA, João Camillo. O nu de Clarice Lispector. *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 12, n. 1, 2010.

WALDMAN, Berta. *Clarice Lispector*: a paixão segundo C.L. 2. ed. São Paulo: Escuta, 1992.

Aléxia Fernanda Lourenço Lopes*

*Aléxia Fernanda Lourenço Lopes é graduada em História pela UniBH e acadêmica de Pedagogia pela Unifor-MG.
E-mail: alexialourenco28603@gmail.com

LITERATURA DOS AFETOS EM **CLARICE LISPECTOR**



A literatura de Clarice Lispector tem excepcional nível de qualidade narrativa, o que lhe confere um papel importante na cultura brasileira e no exterior. Este artigo tem como objetivo proporcionar uma reflexão sobre os afetos na linguagem literária da escritora. Para isso, será abordado o conto "Amor", do livro de contos Laços de família. *Os elementos da teoria dos afetos de Espinosa serão tematizados como introdução aos afetos presentes no referido conto.*

1. AFETOS SOB O OLHAR DE ESPINOSA

Um dos elementos com base nos quais se pode diferenciar a espécie humana de outras é a racionalidade. A espécie humana, ao adquirir a consciência de si, desenvolve a inteligência e a capacidade de sobrevivência, construindo mecanismos que buscam vencer a morte. Porém, além do próprio ato de pensar sobre sua existência, o ser humano, em suas relações com o mundo que o rodeia, também experimenta emoções e sentimentos, como medo, raiva, alegria, esperança, segurança e humildade. A vida dos seres humanos está envolvida pelos afetos.

O pensador holandês Baruch de Espinosa, nascido no ano de 1632, pensa a vida afetiva não em termos de paixões, mas sim de afetos, valorizando as ações dos seres humanos em sua capacidade de afetar e serem afetados no cotidiano. Assim, em seu entendimento, é preciso conhecer os efeitos dos afetos entre nós – o que nos afeta e como somos afetados –, pois, dessa forma, saberemos como buscar a alegria e a potência de viver. O referido filósofo define as afecções da seguinte forma: "O corpo humano pode ser afetado de numerosas maneiras pelas quais a sua potência de agir é aumentada ou diminuída" (ESPINOSA, 1991, III, post. 1). Os afetos são sentimentos de aumento ou diminuição da nossa potência. Interagem com o corpo e, de acordo com a relação que mantêm com ele, podem aumentar nossa potência, por meio das grandes entidades afetivas – alegria e amor –, ou diminuí-la, com a tristeza e o ódio (GIACOIA, 2018).

Nesse sentido, um corpo é tanto mais potente quanto mais é capaz de se relacionar de diversas maneiras e de perceber e conhecer as coisas ao seu redor. Isto é, o "corpo é tanto mais ativo quanto mais pode ser afetado distintamente, pois, na medida em que ele 'se deixa afetar', seu campo de conhecimento e, portanto, de ação e reação se expande, e com isso a possibilidade de padecer é menor" (JESUS, 2015, p. 172). De acordo com o pensamento espinosano, a potência do ser humano está na ação que produz para afetar e ser afetado de inúmeras maneiras.

O poder de afetar e ser afetado é um dos aspectos mais importantes da teoria do pensamento de Espinosa. A experiência dos afetos está no âmago da ficção de Clarice Lispector: por exemplo, quando uma de suas personagens (Ana, no conto "Amor") adentra as profundezas do Jardim Botânico, vivencia os "instantes" do "trabalho secreto" que se descobrirá no jardim. Sendo assim, a literatura clariceana tenta desvendar a vida selvagem por meio da potência dos afetos, no impulso desejante de sentir a "própria coisa".

2. CLARICE DAS EMOÇÕES

A escrita literária de Clarice Lispector vai mais além do que uma recriação da imaginação. A experiência de ler Clarice é radical, pois



"A vida dos seres humanos está envolvida pelos afetos."

sua escrita migra, sem desvios, direto ao sentir. Seus personagens são dotados de poder de percepção pelo qual sentem profundamente a contradição, a complexidade e a introspecção da vida. A poderosa narrativa da escritora faz um traçado que busca o quê das "coisas" e traz à tona as complexas emoções humanas, diante do "coração ardente de cada vibração" (LISPECTOR, 2019, p. 85) do sentir. Dessa forma, Clarice Lispector analisa as fronteiras de suas emoções, reflexões e questionamentos.

Segundo Freitas, o "sentir nos extremos", encontrado nas personagens de Clarice, está presente também na intensidade da escritora, no seu singular processo criador e em suas reflexões existenciais, que se expressam em sua narrativa. Eis um traço importante da escrita ficcional de Clarice: vários dos seus personagens são acometidos subitamente, em seu cotidiano, por "estados de epifania", descobertas existenciais, despertar do sentido da vida, que "atingem o plano da transcendência" (FREITAS, 2017, p. 42).

Há um forte papel das emoções na literatura de Lispector. De acordo com Benedito Nunes, "autoconhecimento e expressão, existência e liberdade, contemplação e ação, linguagem e realidade, o 'eu' e o mundo, conhecimento das coisas e relações intersubjetivas, humanidade e animalidade" (NUNES, 1989, p. 99) são características marcantes na ficção clariceana. Desse modo, os sentimentos de inquietude, angústia, introspecção, excesso, intensa reflexão, transgressão, até a "coisa" que não se explica, estão presentes em sua escrita: "Não entendo. Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. [...] Sinto que sou muito mais completa quando não entendo" (LISPECTOR, 2018, p. 197). É precisamente neste lugar que a literatura de Clarice Lispector nos coloca: no mais forte das emoções, que afetam o corpo e a alma.

No tocante a essa questão-chave do universo clariceano, a crítica literária Yudith Rosenbaum faz uma associação significante entre a ocorrência da "epifania" na escrita de Clarice e os sentimentos fortes que acompanham a obra e a vida da autora. Ela destaca que Clarice Lispector

> é uma escritora que se dedicou a uma busca interminável: a representação do indizível, ou seja, do que não se pode representar em palavras dentro do código convencional da linguagem. Esse desafio – dizer o que é impossível de dizer – fez dela uma escritora atormentada e simultaneamente fascinada pelas descobertas que o exercício da escrita lhe reservava. [...] Seu mundo era o das entrelinhas, dos sussurros, da introspecção, das epifanias em meio ao cotidiano, das questões metafísicas, além e aquém da realidade prosaica. Sua prosa mirava algo que não se entregava ao olhar realista; seus objetos se situavam no escuro, fora da zona iluminada pela razão instrumental (ROSENBAUM, 2007, p. 21).

Entretanto, é importante ressaltar que o conceito de epifania está nas entrelinhas, nos enredos, no processo de criação literária

de Clarice. Nas palavras de Rosenbaum, os textos clariceanos "atestam de forma indiscutível" a experiência visceral, de vida e morte, dessa escritora ucraniana refugiada, judia, brasileira, nordestina, carioca e estrangeira. Com efeito, as manifestações afetivas das personagens em estados extremos, que se desdobram em "náusea", "vertigem", "crise", "cólera", fazem que o leitor navegue em sensações antagônicas "da vertigem do desamparo ao êxtase das epifanias" (ROSENBAUM, 2004, p. 261).

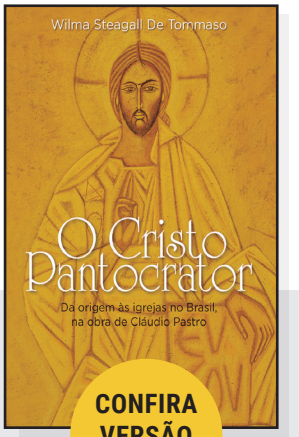
Na busca do impossível de sentir em palavras, Clarice permeia paradoxos, fica à procura de palavras exatas que não existem, adentra na infinita complexidade interior de suas personagens, na tentativa de manifestar o pensamento das emoções em sua singular linguagem literária. A obra de Lispector evidencia "uma travessia tão perigosa e fascinante para o leitor" (ROSENBAUM, 2004, p. 261).

Para Georges Didi-Huberman, filósofo francês e historiador da arte, a escrita de Clarice se inscreve, de maneira vertical, no sentido do movimento do pensamento das emoções: "seja ele ascendente ou de avalanche, vale a pena porque ele é, antes de tudo, movimento" (DIDI-HUBERMAN, 2021, p. 11). O pensamento das emoções clariceano rompe com a horizontalidade, com a monotonia, com a fixidez. Portanto, Didi-Huberman concebe o pensamento, a escrita, as emoções de Clarice em constante movimento, "um emaranhado de ramificações e extensões imprevisíveis: como a própria vida" (DIDI-HUBERMAN, 2021, p. 34).

Nessa perspectiva, o erudito francês constata um pensamento sobre a própria escrita de Clarice Lispector, que ultrapassa a escrita ficcional e gera um pensamento movente, pelo qual a escritora escreve "a emoção dos seus pensamentos e seu pensamento das emoções" (DIDI-HUBERMAN, 2021, p. 8). Com isso, Didi-Huberman insere tal escrita no universo da emoção que move

O Cristo Pantocrator
Da origem às igrejas no Brasil, na obra de Cláudio Pastro

Wilma Steagall de Tommaso



296 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA VERSÃO E-BOOK

O livro mostra que revestir com arte um espaço litúrgico demanda, além da técnica, espiritualidade. Ser um iconógrafo é muito diferente de ser um pintor. Há cânones a serem obedecidos. Iconógrafos "escrevem" um ícone que é concebido pelo Espírito Santo pelas mãos do monge-pintor; ou seja, o pintor é o pincel do Espírito, segundo a Tradição da Igreja católica una do primeiro milênio.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

"O pensamento das emoções clariceano rompe com a horizontalidade, com a monotonia, com a fixidez."



o pensamento da escritora. É nesse sentido que ele o nomeia "vertical das emoções", um "processo orgânico", vindo da força de um vegetal, "um caule que continua a subir, uma raiz que não para de se aprofundar" (DIDI-HUBERMAN, 2021, p. 14).

Podemos observar o pulsar das emoções em Clarice nas crônicas que escrevia no "Caderno B" do *Jornal do Brasil* de 1967. Lá ela delineia traços do seu cotidiano, configurados também no dia a dia dos seus leitores. A arte de pensar se relaciona com o ato de divertir-se, "e eis que inesperadamente o brinquedo é que começa a brincar conosco" (LISPECTOR, 2018, p. 13). Revela seu afeto pela máquina de escrever, mediante a qual, com as pontas dos dedos, datilografava escritos: "Corre bem, corre suave. Ela me transmite, sem eu ter que me enredar no emaranhado de minha letra. Por assim dizer provoca meus sentimentos e pensamentos" (LISPECTOR, 2018, p. 71). Emoções que se movem pela própria vida e se exprimem pelas lágrimas. O olhar e sentir o mundo, em que "há um tipo de choro bom e há outro ruim. O ruim é aquele em que as lágrimas correm sem parar e, no entanto, não dão alívio. Só esgotam e exaurem"; é preciso, porém, "respeitar a nossa fraqueza. Então, são lágrimas suaves, de uma tristeza legítima à qual temos direito" (LISPECTOR, 2018, p. 44).

Um dos estilos a que Clarice Lispector se entrega em sua escrita é o das emoções. Suas percepções sobre o cotidiano que a envolve e suas experiências com ele são o "objeto" de sua literatura, que se instaura nas suas crônicas, nos seus contos e romances. O resultado é uma forma de escrita que escuta o silêncio, que descobre o mundo a cada instante, com suas emoções, e produz transformações e impacto em seus leitores. Ela revela vibrações de espontaneidade da vida, as quais se desdobram em momentos epifânicos, atos de desvendamento da "vida selvagem que existe sob a mansa aparência das coisas" (SÁ, 1979, p. 135).

A potência da obra literária clariceana está em perceber os "estados epifânicos" em nosso cotidiano: no andar com os pés que tocam a terra; no olhar, pelos olhos e pelos poros, as plantas no Jardim Botânico; no sentir as vibrações do existir dos animais; no vivenciar a presença do outro em corpos que se afetam em alteridade. A literatura pensante de Clarice nos faz evocar a potência de vida, a compaixão, o amor, os afetos, a alteridade, em comunhão com o todo que nos rodeia.

3. AFETOS NO CONTO "AMOR"

No conto "Amor", publicado primeiramente em 1952, no volume *Alguns contos*, e, posteriormente, em *Laços de família,* de 1960, a narradora passa a ocupar-se de cada detalhe vivido pela personagem Ana, uma dona de casa com o cotidiano tomado pelas atividades do lar e ao redor da qual "crescia a água enchendo o tanque, cresciam seus filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome, o canto importuno das empregadas do edifício" (LISPECTOR, 2016, p. 145). Num momento em que os afazeres da rotina, em certa "hora perigosa da tarde" (LISPECTOR, 2016, p. 146), não consumiam sua mente, surgem questionamentos internos e uma inquietação, e tal experiência "transforma-se num estranho encontro consigo mesma – e ao mesmo tempo com o mundo vegetal e animal" (GOTLIB, 2021, p. 273).

Ana segue no bonde com um saco de compras no colo, respira profundamente e pensa que até Humaitá (bairro do Rio de Janeiro) terá tempo de descansar. Eis que surge o momento de "tensão conflitiva" (NUNES, 1989, p. 84). Pensando estar bem consigo e com sua rotina, a personagem repentinamente tem a visão de um cego mascando chicles, numa parada do bonde. Sente tocada a olhar para dentro de si, numa intensidade de emoções. Deixa cair ao chão o saco das compras, quebrando os ovos, que escorrem em "gemas amarelas e viscosas" (LISPECTOR, 2016, p. 148). A mastigação do cego, que lhe faz "parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir" (LISPECTOR, 2016, p. 147), deixa-a desorientada, com pleno mal-estar – a ela, que tomava todo o cuidado para, sempre, preservar-se em equilíbrio:

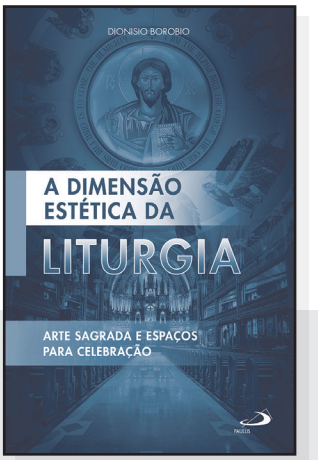
> Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite – tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca (LISPECTOR, 2016, p. 149).

O cego desencadeou em Ana a sensação de estranhamento da rotina da vida, conduzindo-a a experiências de "estado de verdadeiro êxtase" (NUNES, 1989, p. 85). Esse movimento, iniciado pelo cego mascando chicles no ponto do bonde, transportou-a ao Jardim Botânico, onde tão logo se perdeu em pensamentos, como que em sonhos, e "o silêncio regulava sua respiração. Ela adormecia dentro de si." A experiência na parada no Jardim Botânico transformou seu olhar, diante do reino animal e vegetal, em algo "estranho, suave demais, grande demais". As sensações de

A dimensão estética da liturgia

Arte sagrada e espaços para celebração

Dionisio Borobio



128 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra procura mostrar a relação que existe entre a beleza, a liturgia e os lugares de celebração. Trata-se de uma beleza referencial e plena, porque se identifica com a verdade, com a bondade, com o amor. Contudo, para comunicar-se, tornando-se acessível às pessoas, precisa tornar-se presente, em sua dinâmica encarnadora, mediante pessoas e ações, por meio de sinais e de símbolos, mediante espaços e tempos, e de forma criativa pela arte e pela estética, segundo suas múltiplas manifestações: arquitetura, escultura, iconografia, pintura.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

"mal-estar", "náusea doce" e "ânsia" rodeavam o universo de Ana, deixando-a distraída na sua interioridade (LISPECTOR, 2016, p. 149).

Segundo Freitas, o estado epifânico ou de revelação vivido pela personagem é atravessado por sensações intensas e psicofísicas, como um assombro de quem adentra em outro mundo, destituído de regras, "em que a liberdade deixava a todos perdidos em uma realidade reversa" (FREITAS, 2017, p. 45). Uma representação da estrutura afetiva na literatura de Clarice Lispector é a crise: "o que chamava de crise viera afinal" (LISPECTOR, 2016, p. 149).

A partir da crise, a escritora delineia o mundo subterrâneo da subjetividade da personagem, conduzindo a uma jornada de introspecção. Dessa forma, a dinâmica emocional de situar um antes (a vida aparentemente harmoniosa) e um depois (o estranhamento das coisas e do mundo) demonstra uma característica das personagens clariceanas, que se aprofundam no perigo da travessia, no terreno dos extremos, na felicidade insuportável. Essa experiência de desconforto penetra no primordial das coisas, em que Ana aprecia a selvageria do Jardim Botânico, como se vivesse uma viagem interior (FREITAS, 2017):

> Ao seu redor havia ruídos serenos, cheiro de árvores, pequenas surpresas entre os cipós. Todo o Jardim triturado pelos instantes já mais apressados da tarde. De onde vinha o meio sonho pelo qual estava rodeada? Como por um zunido de abelhas e aves. Tudo era estranho, suave demais, grande demais. [...]
> Ao mesmo tempo que imaginário – era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dálias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudos, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega – era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante (LISPECTOR, 2016, p. 150-151).

A experiência do sentido da vida, provocada pelo "verdadeiro êxtase diante das coisas" (NUNES, 1989, p. 85), engendra uma revolução de emoções extremas que podem, ao mesmo tempo, aterrorizar e causar alegria intensa, remeter a valores cristalizados que, a partir da crise, são postos em questionamento fatal. O "antes" das personagens clariceanas pode representar o estado das emoções amortecidas, o qual dificulta o atravessamento das emoções intensas, pós-epifânicas. Por isso a felicidade insuportável, a bondade sofrida, a ternura que dói são elementos do arranjo afetivo clariceano (FREITAS, 2017).

Repentinamente, como se se quebrasse a casca de um ovo, Ana se lembra do lar, das crianças, e, numa "exclamação de dor", volta para o apartamento, abre a porta de casa, depara-se com a sala "grande, quadrada, as maçanetas brilhavam limpas, os vidros da janela brilhavam, a lâmpada brilhava – que nova terra era essa?", questionava, assustada. Abraça o filho com tanta força e espanto, que "sentia as costelas delicadas da criança entre os braços" (LISPECTOR, 2016, p. 152). Aos poucos, os preparativos do jantar – que, mesmo com pequena quantidade de ovos, afinal estava bom – e as conversas com os irmãos, suas mulheres e filhos distanciavam-na da experiência do Jardim Botânico. Assim, Ana, em frente ao espelho, penteava-se, "sem nenhum mundo no coração", e "antes de se deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia" (LISPECTOR, 2016, p. 155). Junto com o sopro, ficaria marcada, em sua vida, a experiência do Jardim que rebentara sua tranquilidade. VP

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A vertical das emoções*: as crônicas de Clarice Lispector. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

ESPINOSA, Baruch de. *Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética*. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores).

FREITAS, Clara Júlio. *Afetividade em cena [manuscrito]*: uma leitura de Clarice Lispector. 2017. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2017.

GIACOIA JR., Oswaldo. *O poder dos afetos*. Café Filosófico CPFL, 8 jul. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7-rhnazXswA&t=1618s. Acesso em: 12 jul. 2022.

GOTLIB, Nádia Battella. Clarice Lispector hoje: literatura e pandemia. *In*: DINIZ, Júlio (org.). *Quanto ao futuro, Clarice*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo: PUC-Rio, 2021.

JESUS, Paula Bettani Mendes. Considerações acerca da noção de afeto em Espinosa. *Cadernos Espinosanos,* [*s. l.*], n. 33, p. 161-190, 2015. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/espinosanos/article/view/105572. Acesso em: 13 jun. 2023.

LISPECTOR, Clarice. *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

LISPECTOR, Clarice. *Todas as crônicas*. Organização Pedro Karp Vasquez. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos*. Organização Benjamim Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

NUNES, Benedito. *O drama da linguagem*: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.

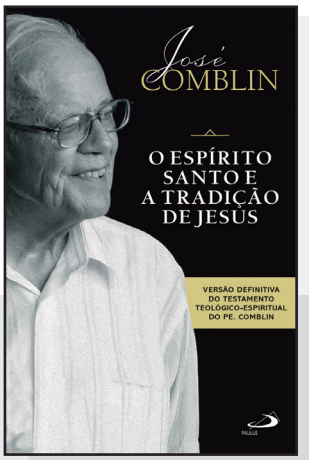
ROSENBAUM, Yudith. Clarice Lispector quer desmontar as máscaras e conhecer o que há por trás delas. *IHU On-line,* São Leopoldo, n. 228, p. 21-24, 16 jul. 2007. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao228.pdf. Acesso em: 13 jun. 2023.

ROSENBAUM, Yudith. No território das pulsões. *Cadernos de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 17/18, p. 261-279, dez. 2004.

SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes, 1979.

O Espírito Santo e a Tradição de Jesus

José Comblin



352 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra, publicada após o falecimento do autor, faz o esforço de distinguir, na forma e, sobretudo, no conteúdo, o que pertence ao terreno do Evangelho e o que pertence à tradição religiosa. Também descreve o afastamento crescente das fontes evangélicas, a teologia da cristandade e defende o retorno à inspiração inicial e fundamental: a Tradição de Jesus.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

Marcos Oliva*

*Marcos Oliva é pesquisador de arte sacra, integrante do grupo de pesquisa Arte Sacra Contemporânea: Religião e História (Labô PUC-SP) e do grupo de estudo sobre Marko Ivan Rupnik (coordenado por Felipe Koller); graduado em Comunicação Social (Uninove) e pós-graduado em Cinema e Fotografia – Comunicação em Multimeios (Universidade Anhembi Morumbi). *E-mail*: marcos.comunicare@gmail.com



A BELEZA DA **ARTE SACRA**



O artigo trata da beleza da arte sacra, em contraponto à beleza evidenciada pela estética. Fala das características de transformação e transcendência que essa beleza sacra possui, baseada no mistério da revelação de Cristo como bem, verdade e beleza para todos os que o receberem.



"A BELEZA DA ARTE SACRA EVOCA ALGO MUITO MAIOR QUE O SIMPLES PRAZER ESTÉTICO."

Introdução

Indo para meu trabalho, numa manhã fria de inverno, vi uma senhora a regar as flores do jardim frontal de um templo. Aquilo tocou tanto meu coração, que me fez parar e pedir à senhora permissão para fotografar aquele momento. Tempos depois, em uma reunião de um grupo de pesquisa em arte sacra, ouvi a frase: "Uma senhora regando um jardim é beleza" e imediatamente fui trasladado, em minha mente e em meu espírito, direto ao local da cena em que a senhora regava o jardim do templo; percebi que aquilo que me tocara naquele dia e me fizera parar o trajeto, interrompendo a rotina, se chamava Beleza.

Roger Scruton, filósofo e crítico cultural inglês, em seu livro *Beleza*, inicia o capítulo "A beleza cotidiana" da seguinte forma: "O melhor lugar para dar início à exploração da beleza cotidiana é o jardim, onde o ócio, o aprendizado e a beleza se unem numa libertadora experiência de familiaridade" (SCRUTON, 2015, p. 89). A beleza da arte sacra evoca algo muito maior que o simples prazer estético. Faz uso da estética, visto que por ela é expressa, seja na plástica das cores, do movimento ou do som, mas não a tem como objetivo final. Muito diferente da beleza clássica antropocêntrica, em que a forma define o conceito do belo e do perfeito baseado na capacidade humana, o belo da sacralidade transpõe essas barreiras físicas e se funda no gesto de fazer o ser humano transcender seu estado natural, em vista de seu estado espiritual; toma-o desta terra, tirando-o do plano físico e levando-o ao plano espiritual, de volta ao conceito original do Éden, que evoca a Deus como centro de toda a criação, na sua plena vontade de relacionar-se com o ser humano e encontrá-lo, todo fim de tarde, para conversar. É dessa beleza que trato aqui. Para tanto, porém, faz-se necessário tecer breve visão da beleza clássica grega, para, então, diferenciá-la da beleza da arte sacra.

1. A beleza da arte clássica grega

Quando o cristianismo surgiu, grande parte do mundo estava dominada, politicamente, pelo Império Romano e era influenciada pela filosofia grega; é o que chamamos de mundo greco-romano. O pensamento e a arte grega expressavam o antropocentrismo, que situava o ser humano no centro de tudo, pondo a capacidade humana em evidência: a ideia, o desenvolvimento da individualidade humana, os sentimentos, tais como raiva, ira, alegria, paixões, desejos etc. Disso se originaram os mitos de deuses e semideuses, que refletiam as vontades humanas. A simetria das formas, a proporção e o equilíbrio eram elementos trabalhados com o objetivo de atingir a harmonia visual e construir o corpo perfeito, seja com os músculos do masculino, seja com as curvas do feminino, para expressar a perfeição do ser humano desde sua capacidade intelectual até seu exterior.

2. Teocentrismo

O cristianismo traz uma visão de beleza completamente diferente. O ser humano já não é o centro do universo; ele é pó, feito de barro. Deixa de olhar para si para olhar

para Deus. Trata-se de perspectiva nova, segundo a qual Deus está no centro de tudo, como criador e provedor de todas as coisas. A condição humana, vista dessa forma, fica esclarecida ao vermos a indagação a Deus por parte de Jó, diante de sua terrível situação, acometido de um flagelo mortal incurável, doença que lhe corroía a carne e a pele: "Que é o homem para que lhe dê importância e atenção?" (Jó 7,17). Davi declara Deus criador do universo e o põe acima de tudo e de todos: "Quando contemplo os teus céus, obra das tuas mãos, a lua e as estrelas que ali firmaste, pergunto: que é o homem, para que com ele te importes?" (Sl 8,3-4).

3. A verdade, o bem e a beleza

É a revelação da verdade que transforma o ser humano no seu interior, e essa transformação se expande para todos os seus atos e formas de se expressar no mundo, entre as quais a arte. O mistério ocorre de dentro para fora.

Segundo o artista plástico sacro contemporâneo Marko Ivan Rupnik, doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, existe uma tríade formada pela verdade, pelo bem e pela beleza. Esses elementos são temas de discussão desde a Grécia de Platão, mas a religião cristã ressignifica-os: quando uma pessoa recebe a verdade, tem o bem gerado em si, e, para que esse bem seja pleno, é necessário haver beleza. Essa tríade é intrínseca, ou seja, nenhum dos seus componentes pode ser separado. Não existe beleza se a verdade não for revelada ao ser humano e esta não gerar nele a crença que resulte no bem, pois a beleza é justamente a manifestação exterior desse bem concedido ao humano por meio da revelação da verdade. "A beleza faz coroar, como uma auréola de inapreensível esplendor, a estrela da verdade e do bem e sua indissociável união" (BALTAZAR *apud* TOMMASO, 2017, p. 185).

Bíblia do peregrino

Encadernada

Vv. Aa.



2624 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra é uma edição que busca reproduzir o estilo poético com que a Bíblia foi escrita, utilizando a tradução idiomática. Ideal para a oração e para o aprofundamento bíblico, a edição se destaca pela quantidade de notas, que trazem rica análise dos textos.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

Essa verdade é a salvação em Cristo. Não há mistério sem ele, "porque dele, por ele e para ele são todas as coisas" (Rm 11,36). Se não for por ele, nada acontece. Ele é "o caminho, a verdade e a vida", o único pelo qual se chega ao Pai (Jo 14,6). Quando Cristo, a verdade, é revelado a alguém, o milagre acontece. Sua transfiguração no monte Tabor mostrou a Pedro, Tiago e João um Deus Pai que eles não conheciam. O Reino dos Céus foi-lhes aberto para que pudessem ver "aquilo que os olhos não viram nem os ouvidos ouviram, nem jamais penetrou o coração humano, [...] o que Deus tem preparado para aqueles que o amam" (1Cor 2,9). Ao verem o Filho, puderam contemplar o Pai e as inefáveis coisas que aguardam os fiéis na Jerusalém celeste: "Quem vê a mim, vê ao Pai" (Jo 14,9). Uma porta se lhes abriu por meio da revelação da verdade e, por meio dessa porta, eles adentraram os mais profundos lugares celestiais.

Ora, se as coisas reveladas ao ser humano por meio dessa verdade são tão maravilhosas a ponto de serem inefáveis, inaudíveis e indescritíveis, não podem, portanto, ser retratadas por meio da representação naturalista, com a busca da perfeição das formas do corpo humano. "O homem natural não pode discernir as coisas espirituais, mas o homem espiritual a tudo discerne e por ninguém é discernido" (1Cor 2,14-16). Uma arte naturalista não alcança o indizível. Coisas materiais se explicam com coisas materiais, mas as espirituais se revelam pelas espirituais. "O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito é espírito" (Jo 3,6).

"APÓS A REVELAÇÃO DA VERDADE, QUE GERA EM NÓS O BEM, SOMOS CHAMADOS PARA UMA TRANSFORMAÇÃO, E AÍ ESTÁ INSERIDA A BELEZA."

Quando Nicodemos, mestre fariseu judeu, foi encontrar com Jesus à noite para aprender sobre os mistérios dos céus, Jesus começou a explicar-lhe a necessidade de nascer de novo e morrer para as coisas deste mundo, a fim de viver desde já, aqui na terra, as coisas do *Eschaton*, as coisas que estão por vir, isto é, a nova vida em Cristo. Nicodemos, todavia, nada entendeu; a reação de Jesus diante da incompreensão foi a pergunta: "Você é mestre em Israel e não conhece essas coisas? [...] Eu lhes falei de coisas terrenas e vocês não creram; como crerão, se lhes falar de coisas celestiais?" (Jo 3,10-12).

A resposta a essa pergunta está na continuação do trecho da primeira carta do apóstolo Paulo aos Coríntios: "Porque quem conheceu a mente do Senhor, para que possa instruí-lo? Mas nós temos a mente de Cristo" (1Cor 2,16). Por esse motivo, Rupnik diz que "a arte cristã começou nas catacumbas, no subsolo, lugar da morte, na contramão da arte clássica greco-romana da época, abandonando completamente a ideia de perfeição" (TOMMASO, 2019, p. 3). O filósofo russo Nicolas Berdiaev, cujos pensamentos de distanciamento da arte clássica grega pela arte sacra cristã são diretrizes para o artista Rupnik, acredita que "nada de verdadeiramente clássico e perfeitamente completo e realizado sobre a terra é possível no mundo cristão" (TOMMASO, 2019, p. 3).

Após a revelação da verdade, que gera em nós o bem, somos chamados para uma transformação, e aí está inserida a beleza. Ela é o reconhecimento externo e a manifestação do bem gerado em nós quando recebemos essa verdade em forma de graça, Jesus. O papa São João Paulo II disse: "a beleza é chave do mistério e apelo ao transcendente. É convite a saborear a vida e a sonhar o futuro" (JOÃO PAULO II, 1999, p. 13). Se a verdade em nós revelada gera o bem e esse bem não atinge a expressão da beleza, tornamo-nos vazios, pois

ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria" (1Cor 13,1).

De que me valeria ter a experiência da transcendência e conhecer todos os mistérios inefáveis, se esse conhecimento não gerasse em mim uma mudança que transformasse primeiro a mim e depois aos que estão ao meu redor? É necessário que esse bem existente dentro de mim se torne beleza, pois, como disse o pensador russo Vladimir Solov'ev: "O bem que não se torna beleza se torna um fanatismo, destrói o homem, é um monstro. Em nome da verdade foram cortadas muitas cabeças, com a bandeira de ideia humanista, a época moderna assassinou milhões de pessoas" (TOMMASO, 2019, p. 6). Portanto, é preciso que esse conhecimento do novo de Deus ocasione em mim uma libertação, por meio da qual viverei o novo nascimento dado a todos os que creram. "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (Jo 8,32). Para Berdiaev, essa libertação é justamente a vida de Cristo em nós:

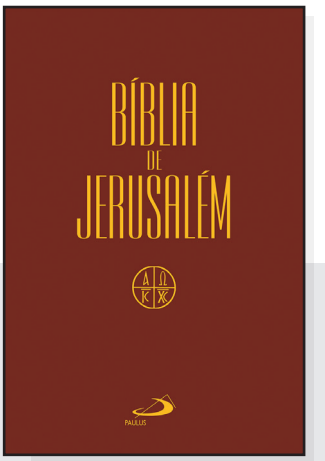
> Para ele [Berdiaev] a liberdade, que nada mais é que o espírito, é o imperativo por excelência da humanidade. O homem que está condenado, por sua natureza, que se pode qualificar, indiferentemente para ele, de *livre*, *espiritual* ou ainda *pessoal*, a ser divino-humano, na medida onde o espírito – ou a liberdade – é a imagem do Deus no homem. E o ser teândrico, esse homem semelhante a Deus, é a pessoa (Berdiaev *apud* TOMMASO, 2019, p. 3).

Uma vez que a mim foi revelada a verdade, tenho essa liberdade "e agora não vivo mais eu, mas Cristo vive em mim" (Gl 2,20).

Bíblia de Jerusalém

Média encadernada

Vv. Aa.



2208 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Apresenta um texto com muitas revisões, remodelações e novas opções textuais. O volume de notas aumentou consideravelmente. É visível a incorporação das novas pesquisas e estudos posteriores à edição do texto francês de 1973. Vários livros e conjuntos literários receberam novas introduções, completamente diferentes das anteriores.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

"SE A VERDADE EM NÓS REVELADA GERA O BEM E ESSE BEM NÃO ATINGE A EXPRESSÃO DA BELEZA, TORNAMO-NOS VAZIOS."

Ele está em mim, o que me define como um ser teândrico, aquele que é simultaneamente divino e humano, e esse é o modo pelo qual Deus é manifestado por meio da humanidade. Quando a Virgem Maria, já tendo concebido em seu ventre o Filho de Deus por obra e graça do Espírito Santo, foi visitar sua prima Isabel, que também estava gestante por um milagre divino, a cumprimentou; a criança que estava no ventre de Isabel, João Batista, agitou-se assim que Isabel ouviu a saudação da Virgem que carregava Jesus. Isabel encheu-se do Espírito Santo, a ponto de testificar sobre Maria: "Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre!" (Lc 1,42). Isso é beleza! É esse fruto dentro do ventre de Maria a transformação que, gerando o bem em nós, manifesta algo ao mundo. Maria, de tão feliz, salmodiou ao Senhor, pois quem estava dentro dela gerou mudança – primeiro nela e, depois, nos que estavam perto. A beleza exprime às pessoas que estão ao redor o bem que há dentro de nós. Maria não estava vazia, "como um sino que tine", pois dentro dela havia amor. Cristo é esse Amor e essa Beleza.

Considerações finais

O papa São Paulo VI falou aos artistas, por ocasião do Concílio Vaticano II, em 1965:

> A beleza como a verdade é o que infunde alegria no coração dos homens, é aquele fruto precioso que resiste ao desgaste do tempo, que une as gerações e as faz comunicar na admiração. E isto graças às vossas mãos. [...] Recordai-vos que vós sois os guardiões da beleza do mundo" (*apud* TOMMASO, 2017, p. 185).

A beleza do Evangelho e da arte que o expressa é Cristo. E se a beleza é Cristo, então essa beleza é pascal, porque ele veio como um menino, mas cresceu e sofreu a morte, e morte de cruz. Tal morte nos causa vida e, por esta nova vida que vivemos, nós compartilhamos essa beleza pascal na *koinonia,* termo grego para se referir à comunhão entre os irmãos. Somente alguém que viveu a verdade da Igreja primitiva pode expressar a beleza do cristianismo de maneira tão profunda quanto Lucas descreveu no seu relato da convivência diária dos primeiros cristãos: "Da multidão dos que creram era só um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente seus os bens que possuía, mas todos compartilhavam tudo entre si, de forma que ninguém padecia necessidade" (At 4,32).

O testemunho, o gesto, o ato consumado são o bem materializado, a beleza acontecendo à medida que o pão é compartilhado, o vinho é tomado, os donativos são distribuídos, o abraço é dado, o sorriso é retribuído e o jardim frontal do templo é regado numa manhã fria de inverno.

O papa São João Paulo II, em sua *Carta aos artistas* de 23 de abril de 1999, fala da importância do artista, da sua tamanha responsabilidade em manifestar essa beleza revelada a nós e em nós por Cristo:

> Esta manifestação fundamental do "Deus-Mistério" apresenta-se como estímulo e desafio para os cristãos, inclusive no plano da criação artística. E gerou-se um florescimento de beleza, cuja linfa proveio precisamente daqui, do mistério da encarnação. De fato, quando se fez homem,

> o Filho de Deus introduziu na história da humanidade toda a riqueza evangélica da verdade e do bem e, através dela, pôs a descoberto também uma nova dimensão da beleza: a mensagem evangélica está completamente cheia dela (JOÃO PAULO II, 1999, p. 5).

A arte sacra é a senhora observadora do cristianismo, a guardiã da beleza da história da Igreja e a testemunha fiel da santa fé em Cristo por meio das obras que produz. Cabe, pois, ao artista sacro, detentor dessa habilidade artística, expressar a beleza do Evangelho, que é Cristo, por meio da arte, bem como manifestar aos seres humanos o bem e a verdade por meio dessa beleza. Quando compartilha o que está em você com o outro, você transforma o bem em beleza. **VP**

Referências Bibliográficas

JOÃO PAULO II, papa. *Carta aos artistas*. [Vaticano]: Libreria Editrice Vaticana, 1999. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii_let_23041999_artists.html. Acesso em: 13 jun. 2023.

SCRUTON, Roger. *Beleza*. São Paulo: É Realizações, 2015.

TOMMASO, Wilma Steagall de. A beleza é pascal. *Off-lattes,* São Paulo, 10 abr. 2020. Disponível em: https://offlattes.com/archives/2467. Acesso em: 13 jun. 2023.

TOMMASO, Wilma Steagall de. Beleza e arte contemporânea na concepção de Marko Ivan Rupnik. *Academia,* [*s. l.*], 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/40410469/Beleza_e_arte_contempor%C3%A2nea_na_concep%C3%A7%C3%A3o_de_Marko_Ivan_Rupnik. Acesso em: 13 jun. 2023.

TOMMASO, Wilma Steagall de. *O Cristo Pantocrator*: da origem às igrejas no Brasil, na obra de Cláudio Pastro. São Paulo: Paulus, 2017.

Bíblia: Palavra viva

Capa dura

Giacomo Perego / Ezechiele Pasotti / Francesco Giosuè Voltaggio



3056 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O título é uma nova edição, a única no gênero, com notas temáticas e a maior quantidade de passagens paralelas. São mais de três mil páginas em duas cores; notas exegéticas e mapas atualizados segundo as mais recentes descobertas arqueológicas. Também oferece introduções aos conjuntos de livros e 378 notas temáticas para um percurso de leitura orante.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Izabel Patuzzo*

Acesse também o programa Palavra Viva pelo QR code ao lado.

Cada um dos roteiros está acompanhado de códigos QR que remetem para as plataformas digitais de músicas Spotify e YouTube Music e trazem sugestões de cantos para a respectiva celebração. Ouça os álbuns Paulus, de forma gratuita, nas principais plataformas de *streaming*.

TODOS OS FIÉIS DEFUNTOS
2 de novembro

O horizonte da esperança

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia em memória dos fiéis defuntos nos convida a celebrar a esperança na ressurreição. Para os discípulos de Jesus Cristo, no final da caminhada neste mundo, não impera a morte definitiva, mas a esperança de nova etapa da existência humana, a comunhão eterna com Deus e com todos os santos e santas que nos precederam na morada eterna. Para a fé cristã, a vida neste mundo é apenas uma passagem, uma etapa de nossa vida, uma morada temporária.

As leituras deste dia nos dão a conhecer um Deus misericordioso, que se faz próximo do ser humano na dor e no sofrimento. A primeira leitura apresenta um diálogo de Jó com seus amigos, retratando a sabedoria superficial daqueles que não se apoiam na sabedoria divina para consolar quem sofre. O livro de Jó, que faz parte da literatura sapiencial, recorda-nos que o consolo que vem de Deus é redentor. A segunda leitura nos garante que nossa esperança no Deus da vida não é vã. No Evangelho, Jesus nos dá a certeza de que não quer perder nenhuma pessoa que o Pai lhe confiou. Jesus nos revela que sua missão é fazer a vontade do Pai: ser o mediador da salvação da humanidade inteira.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Jó 19,1.23-27a)

O livro de Jó faz parte da literatura sapiencial do Antigo Testamento. O texto da primeira leitura apresenta a resposta da personagem central do livro a Baldad. Jó representa aqueles que se deixam guiar pela sabedoria divina, enquanto Baldad, aqueles que se orientam pela sabedoria deste mundo, concebendo o sofrimento e as dores humanas como castigo de Deus. Jó tem plena consciência de sua integridade, por isso responde com a convicção de que Deus estará ao seu lado até o fim. Propõe-se até gravar suas palavras num monumento, no ferro e no chumbo, para que não se apaguem da história sua confiança e esperança em Deus. Assim, deseja que o testemunho de sua confiança em Deus, no fato de que Ele irá restaurar sua honra, seja preservado. Jó afirma sua inocência diante do sofrimento e reconhece que sua dor não é consequência do castigo divino, mas fruto da maldade do maligno.

Nesse texto, Jó proclama sua fé profunda em que o Deus da vida é seu protetor e ele verá a Deus. Referir-se a Deus como protetor

* Ir. Izabel Patuzzo pertence à Congregação Missionárias da Imaculada - PIME. Mestre em Aconselhamento Social pela South Australian University e em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, é licenciada em Filosofia e Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção. Doutoranda em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. em São Paulo. *E-mail:* isabellapatuzzo@hotmail.com

(*Goel*) tinha um sentido particular na tradição judaica: o termo significava o Deus que faz justiça ao injustiçado. Intencionalmente, Jó atribui esse título ao Senhor, para expressar sua intervenção misericordiosa. E Deus restitui tudo o que foi retirado do justo que o teme. Portanto, Jó identifica o Senhor Deus como seu redentor cheio de misericórdia, que não abandona o ser humano nas situações de sofrimento. Ele cuida de todos os que sofrem, particularmente daqueles que o temem e sofrem violência e injustiça.

2. II leitura (Rm 5,5-11)

O texto desta segunda leitura faz parte de uma seção da carta aos cristãos de Roma, na qual o apóstolo Paulo fala à comunidade sobre a graça e a justiça de Deus, manifestadas na morte de cruz de Jesus Cristo, para recordar a comunidade de que não fomos salvos pela Lei, e sim pelo testemunho fiel de Jesus Cristo e pela misericórdia divina. O apóstolo ressalta que é pela fé que somos justificados e alcançamos a graça. Por isso, os sofrimentos deste mundo têm um sentido; não devem ser motivo de desespero, pois nos preparam para contemplar a glória de Deus. A consciência do amor de Deus pelo ser humano revelada em Jesus deve ser a fonte da caridade na vida do discípulo, pois Deus nos amou primeiro. Nisso consiste nossa esperança da vida eterna.

Essa exortação de Paulo, dirigida aos irmãos da comunidade de Roma, é um convite à perseverança na fé cristã, motivo de nossa esperança. Paulo recorda à comunidade que Jesus não nos escolhe porque somos santos, e sim porque nos ama com amor infinito, a ponto de se entregar na cruz. A gratuidade desse amor espera nossa correspondência, pois, se Ele nos ama mesmo quando somos pecadores, quanto mais não se faz próximo quando o(a) discípulo(a) abraça a fé. Por sua morte de cruz, Jesus Cristo resgatou a criatura humana da morte do pecado. Seu amor generoso é dom, é graça que nos impele a nos doarmos aos outros como Ele nos ensinou.

3. Evangelho (Jo 6,37-40)

O centro do ensinamento de Jesus nesses versículos consiste em revelar sua missão neste mundo, a qual é fazer a vontade do Pai. Ele foi enviado para conduzir cada pessoa a encontrar-se com ele e com o Pai. Jesus é o mediador da vida eterna, o caminho que conduz ao Pai. Portanto, sua missão é realizar tudo que o Pai lhe pediu. Consequentemente, o discipulado, o seguimento de Jesus Cristo, é o caminho da vida eterna. A vontade do Pai se manifesta no desígnio de vida e salvação oferecido a todos pela mediação de Cristo, para que ninguém se perca. Seu plano salvífico se realiza por meio de sua ilimitada misericórdia e gratuidade, por seu cuidado amoroso de acolher cada pessoa que o Filho lhe conduz. Segundo esse texto de João, o dom da fé em Jesus Cristo vai além deste mundo. Quem nele acredita, desde já, tem a vida eterna, pois ele é a ressurreição e a vida, o único que pode nos levar para além do limite instransponível da morte.

Jesus é o enviado do Pai a este mundo para ser fonte de vida em nós. Ele veio para promover tudo o que gera a vida. Como ele mesmo diz: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai, a não ser por mim" (Jo 14,6). Esse dom da vida chega à sua plenitude na ressurreição dos mortos, quando todos os filhos e filhas de Deus chegam finalmente ao seu destino final, que é a morada eterna junto do Pai.

O grande discurso de Jesus, no capítulo 6 de João, é dirigido aos seus discípulos na sinagoga de Cafarnaum. Portanto, é um ensinamento para aqueles que o seguem. Certamente, a morte física sempre produz a dor do rompimento de laços com aqueles que amamos. A morte de Jesus também foi dolorosa para sua família e discípulos. Segundo o Evangelho de João, ele não foi entregue à morte, mas livremente se entregou por amor. Pela fé e entrega amorosa, também nós somos convidados a experimentar a íntima comunhão com ele e com aqueles que nos precederam na casa do Pai.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A liturgia nos convida a refletir sobre a finitude da vida terrena, que é uma etapa fundamental de nossa vida. É nesta passagem neste mundo que Deus nos dá a oportunidade de caminhar com ele e deixar um legado de discípulos e discípulas que inspirem outras pessoas a viver uma vida pautada pela fé.

A graça e o amor misericordioso de Deus nunca nos faltarão, porque ele escolheu nos amar e salvar. Jesus nos dá essa certeza, mas a correspondência generosa a esse amor é escolha pessoal. A fé na ressurreição é a razão de nossa esperança numa vida para além deste mundo. As Escrituras nos garantem que Deus tem um projeto de salvação para cada pessoa. Cada um de nós tem uma missão neste mundo, como nos recorda o papa Francisco. Cristo realizou a sua em plenitude. No silêncio, podemos refletir: qual é minha missão neste mundo? Que contribuição desejo deixar à humanidade? O testemunho da fé cristã pessoal e comunitária seja sempre em favor da vida plena que Deus nos concede.

TODOS OS SANTOS

5 de novembro

A vocação de todos nós

I. INTRODUÇÃO GERAL

A celebração da solenidade de Todos os Santos nos convida a contemplar a vida de todos aqueles e aquelas que, de diversos modos, seguiram a Cristo na fidelidade, deixando-nos exemplos de grandes testemunhos. Inúmeras pessoas não apenas trilharam o caminho do discipulado de Jesus Cristo, mas também viveram de tal modo sua fé, que construíram o Reino de Deus ao seu redor.

Na primeira leitura, o Apocalipse de João descreve, em linguagem simbólica, a multidão daqueles que deram a vida pela fé no Cordeiro de Deus. Eles "aclamam em alta voz que a salvação pertence somente ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro". A segunda leitura nos recorda que, pelo sacramento do batismo, fomos chamados para a vida de santidade como filhos e filhas de Deus. O Evangelho nos apresenta as bem-aventuranças como caminho de uma vida pautada pelas diretivas de Deus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ap 7,2-4.9-14)

A leitura do Apocalipse proposta nesta liturgia descreve a multidão dos santos ao redor do trono celeste, lugar que, na linguagem apocalíptica, significa a morada de Deus. Eles são provenientes de todas as tribos de Israel, simbolizando que a corte celeste é a morada de todos os santos, que vêm de todos os lugares. O cenário descrito é de uma grande liturgia, em que todos adoram somente aquele que está no trono celeste, Deus, e o Cordeiro. Trajam vestes brancas, símbolo da pureza daqueles que não praticaram a idolatria. Trazem uma palma na mão, que expressa o testemunho por meio do martírio. Esse sinal é conservado até hoje nas imagens dos santos que testemunharam sua fé mediante a doação da própria vida. Todos aqueles que foram marcados pelo sinal do batismo são protegidos por Deus contra as forças do mal.

O número 144 mil (12 x 12 x 1.000) é representativo de todas as tribos de Israel, das quais se originaram as comunidades cristãs. Desse modo, as comunidades cristãs espalhadas pelo mundo estão em comunhão com todos os antepassados que foram fiéis à Aliança. O número doze simboliza totalidade, completude. Ao recordar o nome de cada tribo (v. 5-8, ausentes na leitura), João indica às comunidades de seu tempo que Deus conhece cada uma pelo nome, para a eternidade.

2. II leitura (1Jo 3,1-3)

A primeira carta de João foi escrita para aprofundar a espiritualidade cristã e a consciência da ética social das comunidades cristãs espalhadas pelo mundo mediterrâneo do primeiro século. Com a morte dos apóstolos, as comunidades da segunda geração sofrem com as hostilidades e ameaças da parte do Império Romano e com as heresias vindas do mundo helênico gentio. Nesse contexto, João deseja fortalecer a fé dos discípulos e discípulas de Jesus Cristo.

O texto da segunda leitura apresenta os traços característicos dos filhos e filhas de Deus, que é o amor traduzido em ações. O amor a Deus e ao próximo deve estar no "DNA" do cristão. O ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus; em consequência, a criatura humana é chamada a cuidar da obra da criação, no sentido mais amplo da palavra, com amor. As obras do mal, como vingança, violência, mentira, corrupção, roubo, por exemplo, não podem habitar o coração dos filhos e filhas de Deus. O cristão tem uma missão no mundo, que é a vivência da caridade e dos valores evangélicos. Em Jesus Cristo, o amor de Deus se revelou em plenitude. Jesus veio para iluminar as trevas e distinguir quem caminha na luz e quem são aqueles que caminham na escuridão.

A leitura é grande convite para perseverarmos no amor divino, que habita em nós pela água e pelo Espírito, derramados sobre nós no batismo, e no amor de Cristo, pelo qual Deus nos concede a vida eterna. Ser membro da comunidade de fé significa pertencer à grande família dos filhos e filhas de Deus, que rejeitam todas as obras do mal.

3. Evangelho (Mt 5,1-12a)

A proclamação das bem-aventuranças na montanha é dirigida àqueles que já estão no caminho do discipulado. Esse ensinamento de Jesus é a carta magna para aqueles que escolheram os valores do Reino de Deus. Por isso, o Evangelho segundo Mateus insere esse

Bíblia Pastoral

Grande - luxo

Vv. Aa.



1552 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Primoroso título que está disponível em diversos formatos e capas, a Nova Bíblia Pastoral apresenta linguagem simples, tradução a partir dos idiomas originais e notas explicativas a todos os textos. Ideal para encontros de catequese, a edição traz os avanços no campo da animação bíblica e a atualização dos estudos bíblicos das últimas décadas.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

discurso da montanha logo após o chamado dos primeiros discípulos. O conjunto das bem-aventuranças constitui as orientações vitais para uma comunidade que tem Jesus Cristo como Mestre e atualiza a Lei mosaica para o contexto cristão.

O relato mateano das bem-aventuranças deixa entrever que Jesus se dirige aos pequenos, enfermos, pobres, àqueles que depositam toda sua confiança em Deus, e não nos bens e poderes deste mundo. Dizer que os pobres são bem-aventurados significa que a humildade e a simplicidade são atitudes fundamentais para os discípulos e discípulas do Senhor, pois os ajudam a não cultivar a busca pelo ter ou o domínio sobre os irmãos e irmãs.

As oito bem-aventuranças formam um todo que se inicia e se conclui com a mesma expressão iluminadora: porque deles é o Reino dos Céus. A palavra "justiça" também é um termo central nessa passagem. Trabalhar pela justiça é atitude profética. Lutar pelos direitos dos pobres é prática que vem de longa tradição bíblica, presente na Lei mosaica, e, portanto, acompanha o povo de Deus desde os tempos mais antigos.

As primeiras bem-aventuranças recordam que a pobreza de espírito está estreitamente ligada à atitude de mansidão. Jesus foi humilde e manso de coração, rechaçando todo tipo de violência e agressão. Os aflitos serão consolados, pois, assim como Jesus os consolou, também seus discípulos e discípulas são chamados a consolar os que sofrem, sobretudo as vítimas de injustiça. Os puros de coração representam todos os que escolhem o caminho do direito e da verdade. E os que trabalham pela paz têm uma missão essencialmente social. Os que são perseguidos porque promovem a justiça e a paz representam todas as pessoas que, apesar de sofrerem por serem coerentes com os valores do Reino, cultivam no coração o espírito das bem-aventuranças.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Todas as leituras desta solenidade abrem-nos o espírito e o coração para seguirmos um caminho de santidade com o olhar para a realidade além deste mundo. Para alcançar a glória da ressurreição, tudo o que se passou com Jesus também se realizou e se realiza na vida de quem abraça a fé cristã.

Como membros da grande família dos filhos e filhas de Deus, temos traços em comum, dos quais o principal é a vivência do mandamento do amor na sua concretude. A solenidade de Todos os Santos reúne inúmeros testemunhos de santos e santas que trazem em si a imagem e semelhança de Deus; rostos de uma humanidade transfigurada. Os santos não se consideravam pessoas perfeitas e, de fato, não eram. Somente Deus é perfeito. Não obstante, esforçaram-se para se aproximar da imagem de Jesus Cristo, buscando a cada dia crescer como seres humanos, como discípulos e discípulas, tendo como meta a fidelidade ao Evangelho.

32º DOMINGO DO TEMPO COMUM

12 de novembro





Vigiai e estai preparados!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Em sintonia com a proximidade da conclusão do ano litúrgico, as leituras deste domingo nos convidam à vigilância. O tema da segunda vinda do Senhor, que perpassa as leituras, ressalta a importância de caminharmos sempre atentos às manifestações de Deus em nossa vida.

A primeira leitura nos apresenta o dom da sabedoria divina, concedida ao ser humano como manifestação da gratuidade de Deus. O Criador não guarda sua sabedoria para si, mas

a compartilha com o ser humano, a fim de iluminar sua vida e conduzi-lo ao caminho da felicidade. Na segunda leitura, Paulo dirige-se à comunidade dos cristãos de Tessalônica, assegurando que Cristo virá uma segunda vez para concluir sua obra redentora e inaugurar a última e definitiva etapa da história da salvação. Aqueles que permanecerem fiéis à fé cristã irão experimentar esse encontro definitivo com Ele. O Evangelho nos recorda que somos convidados a estar sempre preparados para a vinda do Senhor. O discípulo de Jesus é vigilante em sua fé, por isso está atento às manifestações de Deus em sua vida.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Sb 6,12-16)

O livro da Sabedoria pertence ao gênero da literatura sapiencial do Antigo Testamento, a qual forma a última parte dos escritos veterotestamentários. A literatura sapiencial reinterpreta a Lei mosaica com a sabedoria da longa tradição do povo de Deus, que aprendeu a tomar lições da história. Esse livro nasce das comunidades dos fiéis em situação de diáspora, convivendo com outras culturas. O contato com outros povos, por um lado, ampliou a sabedoria, o conhecimento do povo judeu, mas também, por outro, os alertou sobre o perigo da idolatria, dos costumes que poderiam pôr em risco sua identidade de povo escolhido, chamado a caminhar sob as diretivas da Lei de Deus.

O texto proposto para a liturgia deste domingo pertence à segunda parte do livro da Sabedoria, atribuindo a Salomão um elogio à sabedoria. Evidentemente, na época em que o livro foi composto, por volta do século I a.C., o reinado de Salomão já era conservado apenas na memória, por vários séculos. A sabedoria desse rei foi apenas superficial, pois se deixou levar pela idolatria e se distanciou da Lei de Deus. Por isso, o autor do livro da Sabedoria faz um convite à comunidade dos fiéis a tirar lições da história e buscar a arte do bem viver. A sabedoria, na visão bíblica, consiste em adotar um conjunto de princípios práticos, uma conduta ético-moral deduzida da longa experiência como povo consagrado a Deus. Os Mandamentos precisaram ser atualizados e ampliados em um conjunto de leis que respondessem aos novos desafios, mas, em sua essência, tinham como objetivo proporcionar à comunidade dos fiéis uma vida ordenada, justa, equilibrada, garantindo o futuro de Israel. Para o povo escolhido, as diretivas divinas são a fonte de toda sabedoria. Portanto, é sábio todo aquele que põe em prática a Lei de Deus, enriquecida com a experiência de vida preservada na tradição.

2. II leitura (1Ts 4,13-18)

Segundo os relatos apresentados no livro dos Atos dos Apóstolos, a permanência de Paulo em Tessalônica foi muito breve. Contudo, a comunidade local acolheu o anúncio da Boa Notícia com grande prontidão, respondeu com grande fervor e entusiasmo ao Evangelho pregado por Paulo. Por isso, o apóstolo acompanha o crescimento espiritual dos cristãos de Tessalônica com grande preocupação. Sentindo a necessidade de um aprofundamento catequético, sobretudo porque foram postos à prova pela sinagoga dos judeus, Paulo envia Timóteo para assistir pastoralmente os tessalonicenses.

Uma questão teológica que deixou muitas dúvidas nos cristãos da comunidade dizia respeito à segunda vinda de Jesus Cristo, no fim dos tempos. Essa doutrina não havia sido bem compreendida na primeira pregação de Paulo. Alguns acreditavam que tal vinda era iminente, enquanto outros a concebiam como realidade de um futuro muito distante. Essa dúvida teve impacto na vida dos cristãos. Paulo exorta a comunidade a não se preocupar com o tempo da vinda do Senhor, e sim em viver uma vida segundo o Evangelho, pois essa é condição fundamental para alcançar a salvação.

3. Evangelho (Mt 25,1-13)

A parábola das dez virgens aparece no contexto dos últimos ensinamentos de Jesus aos discípulos antes de sua paixão, morte e

ressurreição. O relato se insere no final da caminhada para Jerusalém, quando Jesus está prestes a entrar na cidade, pouco antes de seu julgamento. Todo o capítulo 25 de Mateus é chamado de o último discurso escatológico. A narrativa apresenta o juízo final na perspectiva teológica do evangelista e de sua comunidade. A atitude fundamental das personagens é a preparação para a vinda do Senhor.

O Evangelho segundo Mateus foi escrito depois dos meados do século I d.C. – portanto, quando os cristãos já não esperavam a vinda iminente do Senhor. A comunidade seguia despreocupada com uma possível segunda vinda de Jesus Cristo. Essa compreensão escatológica do fim dos tempos contribuiu para a instauração de um espírito de acomodação em muitos membros da comunidade. A parábola, então, chama a atenção dos fiéis, pois, embora ninguém saiba quando o Senhor virá, é preciso que cada um leve uma vida de compromisso, de vigilância, à espera do Senhor, como se ele pudesse vir a qualquer momento.

O evangelista Mateus faz verdadeira catequese com essa parábola, aludindo ao casamento, para recordar aos discípulos e discípulas a Nova Aliança selada com Jesus. Por isso, o relato apresenta um cenário de casamento, com rituais típicos dos costumes judaicos. Segundo a cultura judaica daquele tempo, a cerimônia começava com a preparação da noiva, que esperava a vinda do noivo para levá-la para a casa onde iriam habitar juntos. Esses preparativos envolviam as famílias de ambos os noivos, parentes e amigos. Desse modo, a preparação e o cumprimento dos papéis de cada um no cerimonial eram extremamente importantes. Mateus usa dessa metáfora para comparar como deve ser a preparação do(a) discípulo(a) para o encontro definitivo com o Senhor. Esse encontro deve ser bem preparado, para se realizar na alegria, como a de um casamento. A comunidade fiel espera pelo encontro com o Senhor com muita expectativa, com ansiedade pela chegada do Messias. As virgens imprudentes representam aquelas pessoas cuja fé e compromisso esmoreceram, que perderam o entusiasmo, caíram no desânimo e já não têm vivacidade para o encontro pessoal com Jesus no cotidiano.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Podemos nos interrogar: que sentido ainda tem essa parábola para nós, em nossa vivência comunitária atual? Nossa comunidade encontra-se em um contexto muito diferente do da comunidade de Mateus, mas também experimentamos momentos de envolvimento entusiasta e, às vezes, de desencantamento, sobretudo quando as dificuldades nos levam a perder a alegria e a inspiração para um engajamento mais pleno. As tribulações da caminhada, os atrativos de outras atividades fora da comunidade, as preocupações familiares e de trabalho podem nos afastar do caminho de um discipulado mais comprometido.

As leituras nos recordam que os discípulos e discípulas sábios são aqueles que vivem na esperança, como nos indica a segunda leitura. Atualizando a narrativa evangélica, são aqueles que dão valor a cada oportunidade de preparar bem o encontro definitivo com Deus, estabelecendo prioridades, fazendo tudo bem-feito, como as virgens que se preparam bem para a chegada do noivo e para a celebração da festa do encontro.

33º DOMINGO DO TEMPO COMUM

19 de novembro

Quem permanece em mim produz muitos frutos

I. INTRODUÇÃO GERAL

Ao nos aproximarmos do fim do ano litúrgico, a liturgia nos proporciona uma reflexão acerca dos frutos que produzimos

para o Reino e para nossa vida no decorrer do mistério que celebramos o ano todo. Por isso, todas as leituras deste domingo recordam que cada discípulo(a) de Jesus Cristo tem a missão de, no tempo em que vivemos, ser testemunha ativa e comprometida com o projeto de Deus para a salvação de todos.

A primeira leitura apresenta a figura da mulher virtuosa que cuida de sua família, atenta às tarefas cotidianas, assegurando a felicidade e o bem-estar de cada membro familiar, como sábia fiel que organiza a vida com base nos valores sagrados da tradição judaica. Na perspectiva bíblica, isso é viver sabiamente. É ser capaz de conjugar a responsabilidade do trabalho com o compromisso de ser membro da comunidade de fé, na generosidade que vem do temor de Deus. Na segunda leitura, o apóstolo Paulo exorta a comunidade dos tessalonicenses a esperar a segunda vinda do Senhor mediante o trabalho intenso, a fim de cumprir com as responsabilidades de cidadãos e membros da comunidade cristã. No Evangelho, a parábola dos talentos apresenta duas atitudes opostas de quem espera pela vinda do Senhor. Jesus louva aqueles que ativamente se esforçam para produzir frutos, pondo à disposição dos outros os dons que Deus lhes concede, e rejeita a atitude de comodismo daquele que pauta sua vida pelo medo e pela apatia e não se arrisca a assumir compromissos de servir a comunidade, enterrando assim seus talentos. Portanto, a parábola nos convida a uma reflexão sobre quanto nos esforçamos para desenvolver os talentos que Deus nos confia, cuidando para não desperdiçá-los ou cairmos no comodismo.

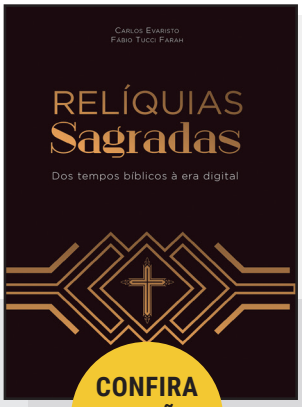
II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Pr 31,10-13.19-20.30-31)

O livro dos Provérbios é uma coletânea de ditos, máximas e provérbios de caráter didático e ético-moral, nos quais se cristalizaram a sabedoria popular de Israel. Esses escritos

Relíquias sagradas
Dos tempos bíblicos à era digital

Carlos Evaristo / Fábio Tucci Farah



328 págs.

CONFIRA VERSÃO E-BOOK

Imagens meramente ilustrativas.

Qual foi o destino da arca da Aliança? Onde estão os pregos da paixão de Cristo? O Santo Sudário que se encontra em Turim, na Itália, foi realmente utilizado por Jesus? Essas perguntas são abordadas na obra e o leitor fará uma viagem encantadora sobre a história das relíquias e os fatos históricos e políticos ligados a elas.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

fazem parte da literatura sapiencial do Antigo Testamento. Os escribas que se dedicaram a escrever esses ditos tinham como objetivo instruir e exortar os membros das comunidades de fiéis em vista de estabelecer uma vida social ordenada, harmoniosa, e desse modo contribuir com a família e a comunidade.

Um provérbio caracteriza-se por uma afirmação incisiva que visa expressar determinada verdade de um modo impressionante e memorável. Por isso, os provérbios bíblicos são curtos, para facilitar sua memorização. Entre os vários tipos de provérbios apresentados no livro, muitos são simples observações sobre a vida, ensinamentos adquiridos na arte do bem viver. Portanto, a natureza dessa sabedoria não é a do conhecimento científico, reservado a poucos, mas a de algo que pode ser buscado por todos.

O texto proposto pela liturgia é uma citação do final do livro dos Provérbios. No idioma originário em que foi composto, apresenta-se como um poema, seguindo a sequência alfabética do hebraico. A primeira letra de cada verso segue essa ordem para falar da mulher virtuosa, isto é, de como ela organiza com sabedoria sua casa. O poema reúne uma série de atitudes que, na concepção judaica, melhor descrevem a mulher sábia. Ela consegue criar um ambiente familiar que proporciona bem-estar e felicidade a seus filhos e a seu marido. O retrato da mulher sábia descrito nessa leitura apresenta a mãe de família que dirige com eficiência, dedicação e empenho sua casa, sendo corresponsável com seu marido não apenas na administração da casa, mas também na de todos os bens da família.

2. II leitura (1Ts 5,1-6)

A missão de Paulo e Silas em Tessalônica passou por quase todas as sinagogas judaicas, concentrando-se em provar para os judeus, com base nas Escrituras, que Jesus era o Messias, o enviado de Deus anunciado pelos profetas. Entre os convertidos ao cristianismo, incluíam-se alguns judeus e grande parte de gentios simpatizantes do judaísmo. Em Tessalônica, Paulo encontrou forte oposição por parte dos judeus, que consideravam o cristianismo uma seita que estava desviando as pessoas do verdadeiro ensinamento da tradição. Por isso o apóstolo é obrigado a deixar a cidade e acompanhar pastoralmente a comunidade por meio de suas cartas.

O texto desta liturgia é uma continuação do texto do domingo passado. Um dos grandes problemas para os tessalonicenses era a compreensão teológica da segunda vinda de Jesus Cristo, denominada "dia do Senhor". A concepção do "dia do Senhor" referia-se à última intervenção divina de Deus na história humana, para restaurar definitivamente o caos instaurado na terra pela corrupção do pecado. Os fiéis esperavam que finalmente o Reinado de Deus iria começar. Segundo essa concepção, Deus derrotaria os maus e conduziria os bons para a vida plena. Seria o começo da última etapa da história da humanidade, na qual Deus eliminaria todas as forças do mal existentes no mundo.

É nesse contexto que os cristãos de Tessalônica se interrogam sobre qual seria a sorte dos cristãos que haviam morrido sem ver o "dia do Senhor". Como poderiam entrar nesse Reino definitivo, se já se encontravam no reino dos mortos? Paulo responde a essa questão, dizendo que não se preocupassem com quando o Senhor viria, e sim em como estavam vivendo, para se prepararem bem para o encontro definitivo com Deus.

3. Evangelho (Mt 25,14-30)

A parábola dos talentos, tal como apresentada no Evangelho segundo Mateus, é narrada por Jesus, que se dirige aos seus discípulos pouco antes de sua condenação, morte e ressurreição. No contexto em que é inserida por Mateus, seu enredo favorece uma reflexão sobre o estilo de vida a ser

adotado até que o Filho do Homem retorne, convidando os discípulos a um responsável uso dos bens de Deus, em vista do julgamento que está por vir. Um talento equivalia a 6 mil denários. O denário correspondia ao pagamento de um dia de trabalho. Portanto, um talento era uma quantia significativa de dinheiro. Jesus, porém, usa essa quantidade valiosa de dinheiro para falar de outra realidade: o bem valioso de produzir frutos para o Reino de Deus. A quantia de talentos mencionada por ele era apenas um atrativo para chamar a atenção de seus ouvintes.

O evangelista Mateus leva em conta, em sua catequese, a realidade de sua comunidade cristã. Na ausência física do Senhor Jesus Cristo, o discípulo é convidado a se esforçar continuamente para dar frutos em abundância para o Reino dos Céus. O retorno do Senhor é certo como na parábola. Deus não exige proezas, por isso não dá a mesma quantia a cada um de seus servos. Ele conhece os limites e as capacidades de cada um. Não julga pela quantidade, mas pelas atitudes, pelo esforço, pelo empenho e dedicação de cada um.

Os dois primeiros servos representam aqueles que recebem os talentos e deles cuidam com responsabilidade, porque o Senhor lhes confiou algo de precioso. O terceiro servo representa aquelas pessoas que não têm responsabilidade com os outros e, assumindo uma atitude fria e egoísta, se dedicam apenas ao que é seu. Essa parábola se fundamenta em um ensinamento judaico segundo o qual Deus não confia grandes coisas a quem não prova ser fiel no pouco. Deus só pode confiar grandes coisas a quem é fiel nas pequenas coisas que ele concede.

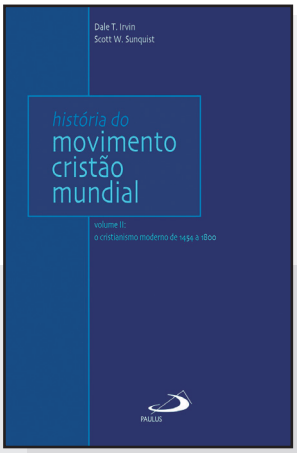
III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Na perspectiva das leituras deste dia, a imagem da mulher sábia e virtuosa retrata todas as pessoas que conduzem a si próprias de acordo com o bem comum, com

História do movimento cristão mundial

Volume II - O cristianismo moderno de 1454 a 1800

Dale T. Irvin / Scott W. Sunquist



620 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Começando pela expansão missionária do século XV, o volume II dá continuidade à história do cristianismo a partir do amanhecer da Era Moderna. A obra mostra a fratura do movimento cristão entre as Igrejas católica, ortodoxa e protestante, o impacto do colonialismo moderno e a emergência de uma nova realidade global.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

as virtudes da generosidade e do temor de Deus, estabelecendo valores que visam proporcionar vida digna e verdadeira felicidade para si e para os outros. Em sintonia com essa temática, atualizando a segunda leitura para nossa realidade de hoje, vemos que a esperança de nosso encontro definitivo com o Senhor após a morte aponta para uma vida de vigilância e sobriedade, pois fomos criados para a eternidade junto com Deus e com todos os que compartilham da vida eterna.

O Evangelho nos apresenta duas atitudes opostas, que nos ajudam a estabelecer um confronto com nós mesmos, a fim de examinarmos qual é nosso perfil de servos e servas de Deus, com que responsabilidade assumimos nossos compromissos pessoais, familiares e sociais. A missão e os dons que o Senhor nos confia não são para serem enterrados, e sim para darem frutos para o Reino, em vista da felicidade nossa e também daqueles que nos rodeiam.

NOSSO SENHOR JESUS CRISTO,
REI DO UNIVERSO
26 de novembro




A força do poder do amor

I. INTRODUÇÃO GERAL

Neste último domingo do ano litúrgico, a Igreja celebra a solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo. As leituras desta liturgia falam do Reino de Deus segundo os ensinamentos de Jesus. Na primeira leitura, o profeta Ezequiel retrata a imagem de Deus sob a figura do bom pastor. O texto ressalta a autoridade de Deus em seu papel de condutor da humanidade, mas também seu cuidado amoroso. Na segunda leitura, Paulo recorda aos cristãos que a caminhada do discipulado tem como meta a participação na plena realização do Reino de Deus.

Nos escritos neotestamentários, a concepção de Reino não se assemelha àquela cultivada por grande parte dos judeus contemporâneos. Essa diferença refere-se, particularmente, à expectativa da libertação política frente à longa dominação histórica dos sucessivos impérios que governaram a Palestina. Jesus indica que o Reino de Deus já está presente, de forma discreta, sem uma instauração esplendorosa. Apenas seus sinais são evidentes, como nos apresenta o texto de Mateus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ez 34,11-12.15-17)

Ezequiel exerceu seu ministério profético entre os judeus exilados na Babilônia por volta do ano 597 a.C. Contemporâneo à deportação de toda a corte de Judá para a Babilônia, ele contempla o cenário de guerra e destruição de Jerusalém e, nesse contexto, dirige sua mensagem aos exilados, ajudando-os a aceitar a dura realidade do cativeiro. Ezequiel ajuda a comunidade a perceber que essa situação não é passageira. Por isso, exorta-a a organizar sua vida com consciência da real situação que irá enfrentar.

Vivendo entre os exilados, o profeta acompanha o processo de instalação em terras estrangeiras. Privados da vida religiosa no templo, sem culto, imersos em outra cultura, enfrentando uma mudança radical no modo de vida, os exilados sentem-se abandonados por Deus e desanimados. Diante dessa realidade, Ezequiel procura reanimar o povo, suscitar-lhe a esperança e apontar-lhe novas formas de viver sua fé. Ele ajuda a comunidade a compreender que, independentemente de onde estiverem, Deus estará com eles.

No texto proposto pela liturgia de hoje, o profeta se dirige aos exilados, anunciando o plano de Deus para pastorear seu povo, assim

como um bom pastor que cuida de todas as necessidades do rebanho. Deus mesmo irá apascentar as ovelhas, reunindo as que estão dispersas, reconduzindo as que estão perdidas, cuidando daquelas que estão feridas e confortando as que estão abatidas. Diante da omissão das autoridades políticas que abandonaram as ovelhas, Deus restaura o seu povo, revertendo todo mal praticado pelos pastores humanos. Ele cuida com justiça de seu rebanho, atento às necessidades de cada ovelha, transformando a situação de sofrimento em bênçãos, pois somente Deus é capaz de restaurar a dignidade de seu rebanho. A mensagem do profeta destina-se a dar esperança aos desanimados, diante da situação de dispersão e sofrimento causados pelos desvios das autoridades políticas de seu tempo.

2. II leitura (1Cor 15,20-26.28)

A primeira carta de Paulo à comunidade de Corinto indica que o apóstolo considerava a Igreja nessa cidade como o centro de um grupo de igrejas domésticas estabelecidas na região. Essas comunidades são frutos de sua segunda viagem missionária. Ele permaneceu nessa região por quase dois anos. Sua atividade missionária atraiu muitos gentios, em sua maioria pobres trabalhadores. No entanto, havia também membros de origem judaica, que cresceram nessa realidade de diáspora.

Esse conjunto de comunidades jovens, que acolhiam pessoas de origem grega e judaica, enfrentou problemas de discórdia, pois reunia tradições religiosas muito diferentes. Nesse contexto, era quase natural haver concepções diferentes acerca de valores espirituais, éticos e morais. A grande dificuldade da comunidade de Corinto era a inculturação do Evangelho na cultura helênica. Em suas cartas, Paulo tenta ajudá-la a superar as dificuldades, a fim de encontrar caminhos para viver a fé cristã em plenitude. A imersão em uma cultura pagã, que cultivava outros valores religiosos e culturais, a exaltação da sabedoria filosófica e o culto a vários deuses, tudo isso entrava em conflito com a pregação de Paulo.

Diante da cultura grega fortemente marcada por filosofias que pregavam certas ideias e crenças sem sintonia com a fé cristã, como o desprezo pelo corpo e a valorização apenas da alma, a aceitação pacífica de práticas escravagistas e a indiferença ao sofrimento alheio, Paulo se dirige aos cristãos de Corinto recordando que Cristo ressuscitou dos mortos para nos dar a vida plena. A ressurreição de Cristo é a razão de nossa esperança e a certeza de que nossa fé não é vã. O reinado de Cristo, segundo a leitura de hoje, consiste em acreditar que Ele venceu todas as formas de morte pela obediência ao Pai e pelo amor. Ele abriu o caminho para que todo aquele que nele crê tenha a vida eterna. A certeza da ressurreição fortalece o anúncio do Evangelho na comunidade de Corinto.

3. Evangelho (Mt 25,31-46)

A perícope do Evangelho deste domingo marca o final da atividade pública de Jesus, antes de sua paixão. Desse modo, Jesus conclui seu ensinamento acerca do juízo final. As três parábolas que precederam essa abordagem sobre o julgamento final formam um conjunto de respostas de Jesus à pergunta de seus discípulos sobre quando seria o fim dos tempos (cf. Mt 24,3). Por meio de uma série de parábolas, Jesus havia reorientado a questão com uma discussão mais importante que a preocupação com o fim dos tempos: como nos preparar para a vida eterna.

Jesus denomina-se o Filho do Homem que vem realizar o juízo mediante a separação das ovelhas dos cabritos, simbolizando a função de pastor que o profeta Ezequiel mencionou. Portanto, o julgamento das nações retratadas por ovelhas e cabritos é ação pertencente somente a Deus. O Filho do Homem recebe também o título de Rei, cuja

missão é dirigir, governar aqueles que o Pai lhe confiou. Dessa forma, Jesus assume aqui dupla missão: pastorear e governar as nações. Como soberano, ele enumera todas as obras de misericórdia que o Pai estabeleceu como exigências para herdar o Reino dos Céus. Elas são condições fundamentais para receber as bênçãos divinas. Por fim, o Rei revela um mistério: tudo aquilo que é feito ao menor de nossos irmãos é a Ele que fazemos.

A segunda parte da narrativa de Jesus diz respeito aos grupos de pessoas que não praticaram as obras de misericórdia e por isso recebem a maldição. Elas serão destinadas ao fogo eterno e também falham em não reconhecer o Rei. Jesus foi designado para ajudar as pessoas a tomar uma decisão de vida: escolher ser as ovelhas que praticam as obras de misericórdia, e não os cabritos que são indiferentes aos sofrimentos e necessidades do próximo. O juízo universal de que o texto trata refere-se à capacidade de amar, de dar sem o desejo de receber, relaciona-se com a solidariedade humana.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A primeira leitura traz a imagem de Deus como o bom pastor que busca a ovelha desgarrada, cuida da que está doente e ferida e também zela pela que está saudável, pois cuida de todos os seus filhos e filhas. É nessa imagem que o cristão é chamado a inspirar-se em suas relações fraternas.

Na segunda leitura, Paulo parte da ressurreição de Jesus Cristo para responder às dúvidas e objeções daqueles que estão gerando conflitos no interior da comunidade. Ele recorda que, em Cristo, todos ressuscitarão, pois o destino da nova humanidade redimida por Jesus Cristo é a participação no Reino de Deus.

O texto do Evangelho propõe que a questão decisiva para quem segue Jesus Cristo é a prática do amor em gestos muito concretos. O último discurso de Jesus, na perspectiva de Mateus, é a atualização da antiga Lei para a realidade de seu tempo, na qual se destacava o cuidado com os empobrecidos e necessitados, entre os quais se incluíam o órfão, a viúva e o estrangeiro. No tempo de Jesus, havia outras categorias de pobres e necessitados que dependiam da solidariedade e da fraternidade dos irmãos para recobrar a dignidade. O último domingo do ano litúrgico nos questiona sobre nossa solidariedade humana. Podemos escolher ser sensíveis ou indiferentes, abertos à bênção ou não.

1º DOMINGO DO ADVENTO

3 de dezembro

Mostrai-nos, Senhor, a vossa misericórdia!

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras do tempo do Advento do Ano Litúrgico B nos convidam a entrar na dinâmica da missão salvífica de Jesus Cristo. Ele adentra a história humana para nos salvar pela gratuidade e misericórdia. Os temas-chave deste tempo litúrgico são a preparação para a vinda do Senhor, a necessidade de conversão, para sua acolhida no meio de nós, a alegria de sua chegada e a decisão de abraçar o caminho do discipulado.

A primeira leitura da liturgia deste domingo é tomada do profeta Isaías, aquele que, já em tempos antigos, falava da importância de preparar os caminhos para receber o Senhor. O encontro com o Senhor é o acontecimento mais importante de nossa vida, por isso nos cabe prepará-lo com empenho. O texto nos apresenta Deus como o Pai, o redentor que vem ao nosso encontro. Na segunda leitura, Paulo recorda à comunidade de Corinto que Deus é sempre

presente na história do povo escolhido e em nossa vida. O apóstolo propõe uma atitude de vigilância, como condição para perceber os sinais da presença divina.

O Evangelho de Marcos proposto para esta liturgia faz parte dos últimos discursos de Jesus, convidando os discípulos a enfrentar a história com coragem, determinação e esperança, confiantes que o Senhor vem. E, enquanto esperamos por sua vinda, cumpre-nos permanecer vigilantes, participando ativamente da construção do Reino de Deus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 63,16b-17.19b; 64,2b-7)

O texto de Isaías deste domingo pertence ao terceiro livro de Isaías. Esses capítulos fazem parte de um conjunto de escritos atribuídos a um profeta anônimo que exerceu seu ministério profético entre os séculos VI e V a.C. A leitura retrata a situação do povo escolhido depois do exílio da Babilônia, na etapa de reconstrução de Jerusalém. Portanto, sua mensagem destina-se a avivar a esperança dos desanimados.

O texto que nos é proposto, possivelmente composto por um discípulo do profeta Isaías, fala ao povo que recentemente retornou do exílio babilônico. O profeta apresenta a Deus um apelo, à luz da miséria em que se encontram. Diante de um cenário de pós-guerra, a população está desanimada, atribuindo a dura situação ao esquecimento de Deus. Por isso, a leitura mistura súplica e lamentação. O profeta apela para o Deus redentor, pedindo-lhe que desça do céu e olhe para a dura realidade do povo. As maravilhas realizadas por Deus no passado é que animam a súplica profética. Isaías lembra os benefícios que Deus já operou e põe toda a comunidade dos fiéis em atitude de penitência, pois a destruição foi obra da infidelidade do povo.

Em forma de oração, a leitura expressa uma atitude de humildade daqueles que, diante de Deus, se reconhecem como uma porção de barro nas mãos do oleiro, dispondo-se a serem remodelados por Deus. O pecador reconhece suas fraquezas e necessita do poder restaurador do Senhor. Por isso o profeta se dirige a Deus como o Pai redentor, pois está convencido das contínuas intervenções libertadoras do Senhor, que vem para salvar seu povo.

2. II leitura (1Cor 1,3-9)

O apóstolo Paulo chega a Corinto no decurso de sua segunda viagem missionária. Ele não trabalha sozinho, mas atua com sua equipe missionária – Silvano e Timóteo –, recebendo acolhida na casa de Priscila e Áquila. Como resultado dessa ação missionária da Igreja nascente, surge a comunidade de Corinto. Desde o início de sua pregação, o apóstolo diz que a existência cristã é marcada pela esperança da revelação do Senhor Jesus Cristo. Paulo consagrou-se inteiramente ao anúncio do Evangelho.

Corinto era uma cidade portuária muito próspera. Sua população era multicultural e multiétnica. Como um polo econômico emergente do mundo mediterrâneo do primeiro século, nessa cidade a riqueza e a prosperidade contrastavam com a miséria da maioria dos cidadãos. É nesse contexto que o apóstolo trata da esperança que anima os cristãos no aguardo da vinda do Senhor. Pela primeira vez, Paulo fala de carisma, palavra que define os dons que resultam da generosidade divina e são concedidos a todas as pessoas para o bem da comunidade.

Paulo desenvolve verdadeira catequese sobre os carismas, que são frutos do conhecimento, da sabedoria, mas na perspectiva cristã, e não da filosofia grega. O conhecimento supremo, na concepção paulina, é o de nosso Senhor Jesus Cristo. O apóstolo está convencido de que Deus cumulou a comunidade desses dons que vêm da sabedoria do alto. Por isso, os cristãos de Corinto escolheram caminhar na esperança da vida cristã, cujo sentido é orientar-se para o encontro final e definitivo com Cristo.

3. Evangelho (Mc 13,33-37)

No Evangelho deste domingo, Marcos apresenta a pregação final de Jesus, pouco antes de sua paixão e morte. É o terceiro dia em que ele se encontra em Jerusalém, ensinando seus discípulos e a multidão de ouvintes. Seu discurso caracteriza-se por uma linguagem profético-apocalíptica, carregada de símbolos. Sua mensagem destina-se a ajudar os discípulos a tomar decisões importantes diante das coisas que estão prestes a acontecer, as quais exigirão escolhas difíceis por parte daqueles que o seguem.

Jesus nos ensina a estar sempre de prontidão para sua vinda, pois essa hora pode pegar muitas pessoas de surpresa. Por conseguinte, ele pede uma atitude de constante vigilância nessa espera. Não se trata de vigilância inquieta, fundamentada no medo, mas de uma que consiste em andar nos caminhos que ele aponta.

Esperar o Messias enviado por Deus, que vem para salvar o povo, consiste em alimentar-se da fé, da certeza de que ele continuamente vem ao encontro da criatura humana. Todo aquele que abraça a fé cristã é chamado a viver na esperança do reencontro na alegria eterna, pois, de fato, sempre anda pela vida ao lado do Senhor. Nós o encontramos quando cumprimos os afazeres que ele nos confia, nas pessoas que amamos e servimos. A pequena parábola inserida no discurso fala da viagem, da partida do dono da casa, que é Jesus. Ao partir, ele deixou uma missão aos seus discípulos e espera que, na sua volta, os encontre vigilantes. Portanto, a espera do Senhor deve ser ativa, esperançosa, alegre, com a certeza de sua volta.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Ao iniciarmos este tempo de preparação para o Natal do Senhor, coloquemo-nos na presença de Deus, o sentido último de nossa existência e de nosso caminhar de discípulos e discípulas. Vivemos em tempos de reconstrução da esperança, pois as leituras deste domingo asseguram que o Senhor vem. Nossa caminhada humana não é um avançar sem sentido ao encontro do nada, mas uma caminhada feita na alegria, ao encontro do Senhor que vem. Não se trata de uma esperança vã, mas de uma certeza fundamentada na palavra do Senhor.

Em nossa longa tradição religiosa, o Advento caracteriza-se como tempo da espera do Senhor. Trata-se de um exercício anual de examinar em que medida estamos sendo vigilantes em nossa missão de batizados. Estar vigilante significa ter uma atuação ativa, compromissada com a prática do amor fraterno que Jesus nos ensinou.

2º DOMINGO DO ADVENTO
10 de dezembro

Preparai o caminho do Senhor!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Todas as leituras da liturgia deste domingo fazem forte apelo ao arrependimento e à conversão. O sentido bíblico dessas duas palavras consiste em voltar para Deus novamente. Esta oportunidade de retomar a caminhada é uma oferta misericordiosa de Deus, sempre aberto a oferecer sua graça, que restaura a comunhão com ele.

Na primeira leitura, o profeta anônimo que compôs o Dêutero-Isaías assegura aos exilados que o Senhor Deus é fiel à sua promessa e continua a conduzir seu povo em direção a nova etapa de vida, à retomada da Aliança. A segunda leitura aponta para a parúsia, isto é, para a segunda vinda do

Senhor Jesus Cristo. Ambas as leituras falam de fidelidade e de vigilância, que consistem em viver de acordo com as diretivas de Deus. Aqueles que temem o Senhor pautam a vida por essa dinâmica contínua de discernimento à luz da Palavra de Deus; procuram manter-se vigilantes e dispostos a revisar a vida quando se desviam de Deus, abraçando a conversão sincera como caminho para uma existência orientada pela paz e pela alegria eterna.

O Evangelho nos confronta com a pregação de João Batista. O profeta convida seus ouvintes e seguidores a uma mudança radical de vida; apresenta-se como testemunha da realidade que anuncia e como condição para acolher o Messias. Ele comunica a chegada do Messias libertador, mas, para estar aberto à sua proposta, indica ser preciso percorrer autêntico caminho de conversão e aplicar-se a uma transformação de vida e mentalidade.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

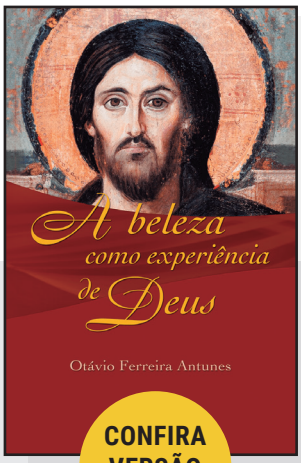
1. I leitura (Is 40,1-5.9-11)

Na primeira leitura, ressoa uma magnífica mensagem desse discípulo longínquo do grande profeta Isaías e contemporâneo a Ciro, rei persa, que permitiu aos exilados o retorno para sua terra. Por isso, a segunda parte do livro do profeta Isaías é denominada livro da consolação. O exílio da Babilônia deixou os deportados em uma situação de humilhação diante dos inimigos. Muitos exilados estavam frustrados, desanimados, desorientados diante de uma derrota tão violenta. Essa situação dividiu a comunidade exilada. Alguns esperavam que um dia pudessem voltar à sua terra, outros preferiram reconstruir sua vida no exílio e deixar de considerar a possibilidade de retorno.

Em tal cenário, surge esse profeta anônimo, que imagina Deus reconduzindo os exilados para a nova Sião. Sua mensagem

A beleza como experiência de Deus

Otávio Ferreira Antunes



168 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

CONFIRA VERSÃO E-BOOK

O livro mostra que a arte, como comunicação das experiências mais profundas do ser, é, mais do que mero instrumento secundário, a própria contemplação do mistério. Como a eclesiologia se volta para a patrística e para a teologia bíblica, a arte sacra como expressão da comunidade de fé se volta para a arte dos primeiros séculos, trazendo para hoje a beleza da mensagem divina.

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

destina-se a consolar essa parte do povo, escolhido para preparar no deserto outro encontro com o Senhor, como um segundo êxodo. A possibilidade de voltar à terra natal era real. Ciro o permite àqueles que desejam retornar. Por isso, o profeta se inspira nessa atitude e constrói nova imagem de rei, o qual se apresenta como um pastor cheio de ternura que conduz seu rebanho. A figura desse novo rei recorda o Senhor Deus, que, no passado, conduziu seu povo da escravidão para a liberdade.

Essa era a boa notícia para os que decidiram retornar a Jerusalém. O caminho agora é preparado com cuidado, para remover todos os obstáculos que impediriam esse reencontro com Deus no deserto. Considerar o retorno como um encontro com Deus no caminho do deserto e ser novamente conduzidos por ele na retomada da terra fez que os exilados enxergassem o tempo do exílio como tempo de purificação e como uma oportunidade de recomeçar a vida em sua terra sem repetir os erros do passado.

2. II leitura (2Pd 3,8-14)

A segunda leitura, tomada da segunda carta de Pedro, foi composta em forma de testamento, como se o autor, sentindo que a morte se aproximava, desejasse dizer a seus familiares, amigos ou discípulos as coisas que considerava de suma importância. O texto nos põe na presença das primeiras comunidades cristãs. Estas esperavam para breve a nova vinda do Senhor, enquanto os que não compartilhavam da mesma fé hostilizavam e ridicularizavam os cristãos.

Tudo indica que o autor dessa carta é um cristão da segunda geração que dirige seu testamento aos irmãos e irmãs da comunidade, a fim de perseverarem na fidelidade aos ensinamentos recebidos dos apóstolos e não se deixarem confundir por outras doutrinas, apresentadas por falsos mestres. Por isso, ele exorta os discípulos e discípulas de Jesus Cristo a viver na justiça, aguardando na esperança a chegada do dia do Senhor. Além disso, explica sumariamente aos membros da comunidade as razões pelas quais o Senhor ainda não veio: o tempo de Deus não é o nosso. Deus não apressa a história, pois é paciente; ele oferece a todos a oportunidade de acolher a salvação. De resto, não cabe ao ser humano definir o exato momento da vinda do Senhor Jesus. Ele apenas nos garante a certeza da ressurreição.

3. Evangelho (Mc 1,1-8)

O texto do Evangelho deste domingo nos confronta com a conversão proclamada pelo profeta João Batista. Ao pregar o batismo de conversão às margens do rio Jordão, João fala da proximidade da chegada de Deus, conforme foi anunciada nas Escrituras. Para simbolizar em gestos a conversão, ele usava a água purificadora, recordando que, no passado, o povo escolhido se purificou naquele rio antes de tomar posse da Terra Prometida.

Marcos escreve a uma comunidade que, em sua grande maioria, era formada por gentios convertidos. Seu Evangelho foi composto no período de perseguição do imperador romano Nero (ano 66 d.C.). Diante dessa realidade, o evangelista percebeu que era preciso entender a identidade de Jesus. Por isso, a mensagem central de João Batista é preparar o caminho para acolher Jesus, adotando um estilo de vida próprio de quem se dispõe a acolhê-lo. João vai para o deserto, lugar onde o povo escolhido foi formado por Deus. A concepção de refazer a experiência do deserto fazia parte da renovação espiritual das comunidades dos fiéis. O próprio João adota um estilo de vida austero para se preparar para a chegada do Messias. Sua vida e

testemunho são claro convite à renúncia dos valores do mundo, como a preocupação exagerada com a aparência, com o ter e o banquetear-se. João assemelha-se ao profeta Elias, profeta muito admirado pelo povo escolhido. Em síntese, João se propõe como mensageiro enviado por Deus para preparar o povo fiel para a chegada do Messias salvador.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As palavras de consolação da primeira leitura nos recordam que Deus continua a servir-se de seus mensageiros para oferecer esperança ao mundo. Essa mensagem ainda hoje tem a força de nos interpelar e lembrar que somos convidados a abraçar os riscos de ver a realidade com os olhos de Deus e perceber em que aspectos de nossa vida precisamos recobrar o ânimo, o entusiasmo, o compromisso de preparar um encontro com o Senhor que ponha nossa vida em nova direção.

A certeza da vinda de Jesus nos dá sentido de futuro, pois nossa vida tem como finalidade ajuntar tesouros para a eternidade. A crença na vida plena com Deus, a fé na ressurreição nos ajudam a estabelecer valores para a vida, definir nossas prioridades e dar menor importância a valores efêmeros, como dinheiro, poder e êxitos humanos.

As palavras e o testemunho de João Batista nos questionam acerca de nosso estilo de vida. No Advento, tempo especial de preparação para o Natal do Senhor, somos convidados a discernir quais transformações radicais de vida, de mentalidade, de escolhas ou decisões precisamos realizar para que o caminho de acolhida de Jesus no coração seja bem preparado. Quais vales precisam ser aterrados? Quais montanhas devem ser aplainadas? Quais curvas necessitam ser endireitadas para que eu seja um(a) discípulo(a) mais comprometido(a) com o Reino de Deus?

3º DOMINGO DO ADVENTO
17 de dezembro

O Espírito do Senhor me ungiu e me enviou!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo se caracteriza pela alegria. Todas as leituras ressaltam o projeto de Deus de nos retirar das trevas para sua luz. Elas nos encorajam a entrar no clima de alegria, porque a salvação está próxima.

Na primeira leitura, o profeta do pós-exílio proclama sua mensagem quando o povo de Judá tinha acabado de retornar do exílio babilônico para a Terra Prometida. Os deportados que retornaram precisam retomar o ânimo e reorganizar-se. O profeta, apresentando-se como uma boa notícia, anuncia ter sido ungido e enviado como mensageiro da salvação que Deus oferece aos pobres. Na segunda leitura, Paulo orienta a comunidade de Tessalônica, para que aguarde a vinda do Senhor com espírito de alegria, louvor e adoração, aberta ao Espírito Santo.

No Evangelho, o evangelista João completa a apresentação de João Batista, lembrada pelos outros evangelistas. Sua breve narrativa confirma que o profeta foi uma voz que veio preparar as pessoas para acolher a luz do mundo. O Batista acentua não ser nem profeta, nem Moisés, nem Elias, nem o Messias. Ele é apenas a voz que clama no deserto, convidando o povo para preparar o caminho da chegada do Senhor.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 61,1-2a.10-11)

A liturgia deste domingo volta a nos propor um texto do Trito-Isaías, que situa a realidade do povo escolhido na época

posterior ao exílio, quando Jerusalém está em fase de reconstrução. Esse texto é expressão da alegria de um povo que acredita na sua renovação. E a razão dessa grande alegria é descobrir que Deus está no meio do povo, independentemente de qual seja a situação. O cenário de pós-exílio é de incertezas, são poucos os recursos para retomar a vida. A população da cidade é pouco numerosa, a reconstrução é modesta e lenta; há impérios vizinhos que querem aproveitar-se do momento de fraqueza de Jerusalém para colonizar o povo da terra, mas aos poucos a vida vai se reorganizando.

Em meio às dificuldades para retomar a vida e reconstruir o que foi destruído pela invasão babilônica, surge a voz do profeta que anuncia ter vindo como ungido do Senhor para restaurar os corações atribulados, cuidar dos pobres, proclamar a redenção dos cativos e a liberdade dos prisioneiros. Tudo o que o povo ansiava. A vocação e missão do profeta consistem em pôr-se a serviço da Palavra para animar e encorajar o povo e curar os corações feridos por uma situação tão difícil. O povo volta a celebrar o tempo da graça, da libertação da escravidão imposta pelas dívidas cobradas pelos inimigos do povo. Os destinatários da mensagem profética são todas as categorias de pessoas que mais sofreram com a guerra e o exílio. E, para o povo escolhido, ter profetas em seu meio era um grande sinal de que Deus olhou para sua miséria. Por meio de seus mensageiros, Deus continua o cuidado amoroso do resto de Israel; por meio de seus profetas, Deus continua presente na vida de seu povo escolhido.

2. II leitura (1Ts 5,16-24)

Na segunda leitura, o apóstolo Paulo nos convida a viver na alegria da presença do Senhor e dá orientações de como fazê-lo. A comunidade de Tessalônica, como as demais comunidades cristãs da primeira geração, vivia à espera da volta gloriosa de Jesus, a parúsia, como um acontecimento iminente. Nesse contexto, Paulo exorta a comunidade a viver na alegria dessa certeza de que o Senhor um dia virá e, ao mesmo tempo, buscar a santidade.

Segundo os ensinamentos de Paulo, essa expectativa da vida com Cristo distingue os cristãos como pessoas que têm esperança. A vinda de Cristo será inesperada, não se pode estabelecer quando se dará. Para os cristãos, essa segunda vinda é não só motivo de esperança, mas também a motivação fundamental para o modo correto de vida e edificação da comunidade. Depois dos ensinamentos sobre a segunda vinda do Senhor e de forte convite a esperar vigilantes esse momento final da história humana, Paulo apresenta alguns elementos concretos que os tessalonicenses devem ter sempre em conta e que devem marcar a vivência cristã nesse tempo de espera, deixando-se guiar pelo Espírito Santo.

3. Evangelho (Jo 1,6-8.19-28)

A apresentação joanina de João Batista insere-se na dinâmica permanente do ser humano de encontrar-se entre trevas e luz. A missão conferida ao profeta consiste em ajudar o povo a descobrir a presença escondida do enviado de Deus. O Batista afirma não ser a luz, mas ter vindo a este mundo para dar testemunho da luz, isto é, avivar a percepção de sua existência. Implicitamente, sua missão profética denuncia as obras das trevas.

Visto que a luz é o resplendor da vida, João recebe a missão de apontar a possibilidade de vida, despertando em todos o desejo por ela e a esperança. Sua missão evidencia que há trevas, mas existe uma luz que não se deixa abafar pela escuridão. Essa luz é Jesus, o enviado de Deus para iluminar as trevas. Então, dar testemunho da luz significa estar em favor da vida. Segundo o Evangelho de João, o primeiro testemunho de que Jesus é o enviado do Pai vem de João Batista. Portanto, seu batismo de água simboliza a ruptura com

a treva, ou seja, com a situação mantida pela instituição judaica, cujo centro de poder era o templo de Jerusalém. Jesus, como vida e luz da humanidade, inaugura um novo tempo, eliminando o pecado do mundo.

João Batista revela com clareza sua identidade e missão. Embora tenha sido enviado por Deus, ele não era a luz, no sentido de que não era o Messias. A luz sempre existiu, porque é Deus, enquanto o profeta tem plena consciência de sua natureza humana. Ele, porém, não atua por sua própria iniciativa, e sim em resposta à escolha divina, para concretizar o que Deus lhe confiou. Por não ser a luz, não tem a autoridade e o poder de eliminar as trevas. Ele também compartilha do espírito daqueles que aguardavam pela luz da vida e, por isso, reconhece os sinais precursores de sua vinda.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Como anuncia o profeta Isaías, o Deus em quem acreditamos não é indiferente nem compactua com o racismo, a exclusão, a violência, a exploração, o terrorismo, o imperialismo e a prepotência, só para citar alguns males do mundo contemporâneo. É, sim, o Deus dos pobres, dos explorados, dos injustiçados, dos pequenos e abandonados. E como ele atua neste mundo? Chamando pessoas sensíveis à sua presença, que aceitam a missão profética de cuidar daqueles que mais necessitam de sua proteção. E Isaías aceita colaborar com Deus.

Segundo a mensagem de Paulo, o cristão é alguém que ora sem cessar, louva e dá graças, em todas as circunstâncias, pelo dom de Deus, pela sua presença amorosa, pela salvação oferecida. Sabemos encontrar espaços em nossa vida para um compromisso verdadeiro com a causa do Reino de Deus?

A atitude simples e discreta de João Batista é muito sugestiva: ele não procura atrair para si as atenções, não usa de sua missão para a busca de aplausos, honras ou promoção pessoal. Apenas empresta sua voz para dar visibilidade à luz, Jesus Cristo. Como nos pomos a serviço da Palavra, da luz que brilha em meio às trevas de nosso tempo?

4º DOMINGO DO ADVENTO

24 de dezembro

"Faça-se em mim segundo a tua palavra!"

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras da liturgia deste domingo apresentam a profecia do "Emanuel, Deus-conosco" e seu cumprimento no anúncio do anjo Gabriel a Maria. Na catequese permanente que é a liturgia, esse programa de leituras permite uma reflexão sobre o mistério da encarnação, já anunciado nos escritos proféticos veterotestamentários. O projeto de vida plena e de salvação definitiva anunciado outrora pelos profetas agora se torna uma realidade concreta, tangível e plena com a chegada de Jesus.

A primeira leitura fala da promessa ao rei Davi, feita por meio do profeta Natã, de que Deus não abandonará seu povo nem desistirá de conduzi-lo até a realização de felicidade plena. Por isso, Deus colocará no trono de Davi um descendente que cuidará da casa de Israel. A segunda leitura chama esse projeto de salvação de mistério. Paulo nos lembra que as profecias revelam o modo de agir de Deus. E a narrativa lucana da anunciação relata o momento em que Jesus se encarna na história da humanidade a fim de trazer a salvação e a vida para todos. Pelo sim de Maria se concretiza o projeto de Deus, e também nós somos chamados a dizer sim a Deus para continuar a missão de levar Jesus Cristo ao mundo inteiro.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (2Sm 7,1-5.8b-12.14a.16)

Os livros de Samuel retratam o período de constituição do Estado de Israel, quando se faz a passagem do modelo tribal para a monarquia. Esse processo ocorreu no final do século XI e início do século X a.C. As tribos do Norte e do Sul tiveram um único rei para governar todo o povo. Até esse ponto de sua história, Israel tinha aparentemente sido privado de instituições políticas e militares, sendo governado por juízes escolhidos pelas tribos. Com o surgimento da monarquia, aconteceu uma mudança radical na vida de Israel, que se compreendia como povo governado por Deus.

O texto deste domingo reflete o pensamento daqueles que desejaram a monarquia e trabalharam para isso. Com a escolha de um rei, constitui-se uma dinastia, mas não um trono para o Senhor Deus. Davi não construirá o templo para o Senhor, apenas um palácio para si. Sua dinastia falhou em fazer o que Deus aprova. Tantos outros reis de Israel não cumpriram com seu papel de defender o projeto de Deus e dele cuidar. Somente o Messias enviado irá construir o Reinado de Deus para sempre; isto é, somente Jesus consegue estabelecer o cuidado amoroso, como verdadeiro Pastor do povo escolhido para sempre, porque seu Reinado não pertence a este mundo.

Davi teve muitas conquistas, entre as quais a cidade de Jerusalém, que pertencia aos jebuseus. Mais tarde, a arca da Aliança foi colocada no templo de Jerusalém. O rei ampliou fronteiras e trouxe certa estabilidade, graças a um grande investimento militar. Daí nascem as esperanças de um futuro rei que viria governar Israel de modo semelhante, trazendo estabilidade ao povo e restaurando a paz, que foi quebrada por inúmeras batalhas e guerras fomentadas pelas disputas de poder políticas, econômicas, culturais e religiosas.

2. II leitura (Rm 16,25-27)

A leitura, tomada da carta aos Romanos, é um hino a Jesus Cristo como o Filho de Deus. Trata-se de uma compreensão profunda sobre o plano de salvação, que a comunidade chama de mistério. Mantido em segredo por muitos séculos, esse mistério foi plenamente revelado em Jesus Cristo, por meio de seus gestos, de suas palavras e, sobretudo, de sua morte e ressurreição. Tal mistério, revelado aos apóstolos e discípulos de Jesus Cristo pelo Espírito Santo, agora é transmitido pela Igreja a todos os povos.

A palavra "mistério" diz respeito às coisas que não se explicam pela ciência. São sinais a serem contemplados. Na teologia de Paulo, quer dizer que Deus não precisa justificar, diante de nossos critérios científicos, seu modo de agir. Contemplar os mistérios de Deus não é alienação, tampouco significa recusa da sabedoria científica. O nascimento de Jesus faz parte do mistério da salvação. O amor de Deus pela humanidade só se explica pelo mistério de nos amar de modo incondicional, não porque merecemos, mas simplesmente porque seu amor por nós é infinito. Esse amor não se apagou no decorrer da história; pelo contrário, chegou à plenitude em Jesus Cristo.

3. Evangelho (Lc 1,26-38)

A narrativa lucana do nascimento de Jesus trata do cumprimento da promessa de Deus de que enviaria um descendente da casa de Davi para conduzir seu povo. Jesus é concebido sob a ação do Espírito Santo. José era descendente remoto de Davi, e Maria, descendente da casa de Aarão, o primeiro sacerdote do povo escolhido, do qual descende a tribo de Levi, consagrada para o serviço exclusivo do culto a Deus. Maria se apresenta como a serva do Senhor, que aceita colaborar com o plano divino mediante seu sim ao anjo Gabriel.

O anúncio do nascimento de Jesus, segundo Lucas, é o grande sinal de que Deus recorda sempre de sua Aliança; ele continua a enviar mensageiros para levar adiante seu plano de salvação. O nascimento de João Batista foi extraordinário, por ele ter sido concebido por pais idosos; o de Jesus é ainda mais extraordinário, por ele ter sido gerado por uma virgem. A figura de Gabriel vincula as anunciações e convida à reflexão sobre o significado do nascimento de Jesus como cumprimento das Escrituras. Maria é mulher de grande fé, e o evangelista Lucas a propõe como modelo de fiel temente a Deus. Ela questiona o anjo acerca de como poderia ser a mãe de Jesus, mas não questiona por que Deus a escolheu. Sua resposta de fé é de completa confiança em Deus.

Maria teve um papel muito importante na história da salvação. O relato termina com sua resposta final: "Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra". Afirmar-se como serva significa, além de humildade, reconhecer-se como uma pessoa eleita por Deus para servi-lo. Isso implica que Deus lhe concede uma missão específica. Na longa tradição bíblica judaica, o termo "servo/a do Senhor" é título reservado às pessoas escolhidas por Deus. Assumir a condição de servo/a significa entender-se como alguém reservado pelo Senhor para seu serviço, como alguém enviado por Ele ao mundo para uma missão especial. Desse modo, Maria reconhece que Deus a escolheu, aceita sua missão com disponibilidade e manifesta total disposição para cumprir, com fidelidade, o projeto divino para sua vida.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As leituras da liturgia apresentam modelos de pessoas que se põem a serviço do povo de modos diferentes. O rei Davi, inicialmente pastor, assume a responsabilidade de governar o povo escolhido. Embora desejasse fazer um bom governo, acabou se distanciando

Vida a partir da morte
Meditações sobre o mistério pascal

Hans Urs von Balthasar



56 págs.

CONFIRA VERSÃO E-BOOK

Imagens meramente ilustrativas.

O livro lembra que, na mesma medida em que a morte faz parte do cotidiano humano, é, também, aquilo que há de mais incompreensível. Em três profundas reflexões, o autor penetra no mistério da morte, questionando o imperecível em meio à transitoriedade.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

de Deus. Cometeu erros graves por vaidade e ambição, fazendo o que Deus reprova. Maria e Paulo põem-se a serviço de Deus e do povo em outra perspectiva. Eles se dispuseram a colaborar com Deus, na missão que o próprio Deus lhes confiou.

Neste domingo que precede o Natal de Jesus, Maria mostra como é possível dar Jesus ao mundo inteiro: mediante um sim incondicional ao chamado do Senhor. Deus continua a nos chamar e espera que, por meio de muitos de nossos sins, da nossa disponibilidade e entrega, Jesus possa ser oferecido a todas as pessoas de todos os tempos. Maria, Paulo, os apóstolos são colaboradores da obra salvífica de Deus, assim como todo discípulo e discípula que se dispõem a oferecer Jesus aos irmãos e irmãs, particularmente aos pobres, humildes, infelizes, marginalizados e todas as categorias de pessoas que necessitam do nosso serviço para terem vida mais digna e plena. O Natal do Senhor é oportunidade anual para um gesto de solidariedade e amor fraterno.

NATAL DO SENHOR

24 de dezembro – Missa da noite

Nasceu-vos hoje um Salvador, o Cristo Senhor!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia desta noite nos fala de um Deus que se faz muito próximo de nós, porque nos ama de modo muito concreto. Não é um amor só de palavras, mas amor capaz de grandes gestos de doação; amor que supera as barreiras existentes entre a divindade e o ser humano. Jesus se encarna na realidade humana com todas as consequências. Deus não nos deixa órfãos, perdidos ou abandonados. Envia um menino, que é luz para todas as nações. Ele é o portador da verdadeira paz.

Na primeira leitura, o profeta Isaías anuncia a chegada de um menino da descendência de Davi, dom de Deus para toda a humanidade. O Emanuel, Deus-conosco, vem para eliminar todas as formas de divisões, guerras, ódio, sofrimentos e inaugurará um novo tempo, marcado pela paz e alegria. A segunda leitura nos aponta caminhos para viver uma vida cristã autêntica e comprometida. A exemplo de Jesus Cristo, nossa morada neste mundo é passageira. Por isso, somos convidados a trabalhar pelos valores que não passam.

O Evangelho apresenta a realização da promessa profética: em Belém de Judá, nasceu um menino, o Príncipe da paz. Deus vem ao encontro do ser humano, sobretudo dos que mais sofrem, dos mais abandonados. Na simplicidade de uma criança, Deus oferece sua proposta de salvação; não pela força, mas pelo amor e ternura.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 9,1-6)

O texto de Isaías anuncia o nascimento de um príncipe real, que significou uma esperança para o povo abalado pelas invasões assírias por volta do ano 730 a.C. Seu nascimento trouxe a esperança de que Israel teria um soberano para governar a terra. Por isso, o profeta descreve esse grande acontecimento em forma de oráculo. O menino aqui referenciado, da descendência de Davi, está relacionado com as esperanças messiânicas da chegada do Emanuel, alimentada pelos profetas.

Na realidade, a situação do povo era de opressão, de frustração, de desespero, de falta de perspectivas, pois estava subjugado ao poder violento de forças estrangeiras. Nesse cenário, de repente aparece uma luz e

acende-se uma esperança, que faz o povo se alegrar. O profeta Isaías descreve, de forma alegórica, que a comunidade desanimada estava caminhando nas trevas, nas sombras da morte, mas eis que surge uma luz. Essa imagem sugestiva assemelha-se à festa das Colheitas, quando o povo se reunia para celebrar a abundância dos alimentos, num momento de júbilo.

O oráculo de Isaías descreve a transformação de uma realidade caótica em uma nova ordem. Isso porque Deus envia um menino, com a missão de resgatar o direito e a justiça. Os títulos atribuídos a ele são dons divinos: Conselheiro admirável, Deus forte, Pai eterno, Príncipe da paz. Ele é dom de Deus para a vida de seu povo.

2. II leitura (Tt 2,11-14)

A carta a Tito é uma das cartas pastorais, endereçada ao herdeiro de Paulo no cuidado pastoral da comunidade de Creta. Tito se converteu ao cristianismo mediante a pregação de Paulo. O texto escolhido para esta liturgia fala da alegria da salvação, do momento novo que começou com o nascimento de Jesus Cristo. O verdadeiro centro e coração de toda carta são as razões que seu autor aponta para uma vivência cristã autêntica e comprometida. A primeira razão é o amor, a graça de Deus que foi oferecida a todas as pessoas. É esse amor que possibilita a renúncia a toda forma de hostilidade, ao orgulho, à prepotência, e a busca por justiça, solidariedade, compaixão, enfim, por uma vida nova em Cristo.

Na perspectiva da carta, o nascimento de Jesus Cristo envolve a todos nós, uma vez que é uma manifestação da bondade de Deus, nosso salvador. Enviar seu Filho amado ao mundo é a maior expressão de seu amor à humanidade. A leitura destaca a gratuidade divina: Deus não nos salvou por causa de nossos atos de justiça, mas por sua misericórdia, que se tornou presente em nós pelo Espírito Santo que recebemos no batismo, sinal da vida nova em Jesus Cristo.

3. Evangelho (Lc 2,1-14)

Ao narrar o nascimento de Jesus, o evangelista Lucas é o mais preocupado em oferecer as informações históricas desse acontecimento central para as comunidades cristãs. Ele situa esse evento tão importante no espaço e no tempo. Desse modo, dá a entender que estamos diante de um fato real, e não lendário, pois é algo que faz parte da história da humanidade. No entanto, algumas informações históricas são imprecisas, pelo fato de Lucas ter sido um cristão de origem grega que não viveu na Palestina no tempo em que Jesus exerceu seu ministério público. Exemplo dessa asserção é a referência ao recenseamento que teria sido ordenado pelo governador Quirino no ano em que Jesus nasceu. Parece que esse evento ocorreu, na verdade, alguns anos depois, quando Quirino foi nomeado governador da Síria pelo imperador romano. De qualquer forma, Lucas teve essa preocupação de situar o nascimento de Jesus na real história da Palestina.

A primeira informação é a respeito do lugar do nascimento de Jesus. Belém de Judá tem um sentido mais teológico que geográfico. A cidade de Belém é mencionada nas Escrituras como o lugar de onde virá o Salvador, pois o Messias seria um descendente da casa de Davi, da terra de Judá. Lucas descreve também, com pormenores, a pobreza e a simplicidade que rodeiam a vinda de Jesus. A ausência de lugar na hospedaria, o local improvisado para seu nascimento, próximo de animais, a visita dos pastores: tudo isso retrata que ele vem na humildade, na simplicidade e na pobreza. O modo como Deus oferece a salvação à humanidade foge dos esquemas humanos, fundados no aparato do poder, na força das

armas, no dinheiro e em muita propaganda publicitária. Deus vem ao encontro do ser humano no silêncio, na ternura de um menino nascido em absoluta pobreza.

Uma terceira informação que Lucas oferece, na narrativa do nascimento de Jesus, é a visita dos pastores, como testemunhas desse grande evento. Esse grupo de pessoas era desprezado pela sociedade de seu tempo porque, muitas vezes, tinha apenas os rebanhos, mas não possuía terra e, durante a noite, conduzia as ovelhas para pastarem em terra alheia. Por isso, eles eram considerados pecadores, como os cobradores de impostos. Então, para eles, a chegada de um Messias nascido em seu meio foi uma grande notícia e motivo de grande alegria. Quando os anjos anunciam que nasceu o Salvador, os pastores se apressam em visitá-lo. Esse título era atribuído ao imperador romano, mas Lucas inverte a história para anunciar que o único Salvador é Jesus Cristo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

No seu conjunto, as leituras desta liturgia nos apresentam Jesus como o menino que dá sentido às profecias de Isaías, como aquele que vem dissipar as trevas, as sombras da morte, com sua luz, instaurando um mundo de paz, justiça e amor. Contemplar o presépio nos leva a pensar que a lógica de Deus não corresponde à lógica do mundo, a qual se fundamenta, muitas vezes, em encontros entre alguns poucos poderosos, que tomam grandes decisões, de impacto para muitos. Deus vem ao encontro da humanidade na fragilidade, na ternura de uma criança recém-nascida.

Podemos nos interrogar: Qual lógica norteia minha vida? A celebração do nascimento de Cristo nos anima a acolher concretamente a proposta evangélica que ele oferece ao mundo? Como lidamos com situações de violência, discriminação, indiferença... e com todas as obras e atitudes que são trevas?

NATAL DO SENHOR

25 de dezembro – Missa do dia

A Palavra se fez carne e habitou entre nós!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia do dia de Natal nos convida a contemplar a misteriosa transparência da ternura divina na condição simples e humilde do menino Jesus na manjedoura de Belém. As celebrações da aurora e do dia realçam a grandeza do Filho do Altíssimo, que deixa sua condição divina e assume a natureza humana. Pela sua encarnação, Jesus se torna a Palavra que veio habitar entre nós.

Na primeira leitura, o profeta Isaías anuncia a chegada do Deus libertador. Essa é uma boa notícia de caráter universal. A alegria toma conta das pessoas, e até a natureza participa desse acontecimento; o Príncipe da paz passa pelos montes e chega à nova Sião, símbolo de Jerusalém, que é reconstruída com sua chegada. A segunda leitura lembra que as palavras provisórias dos profetas se tornam Palavra definitiva em Jesus Cristo, que é a plena manifestação de Deus.

O Evangelho, tomado do prólogo de João, proclama que na terra brilhou uma luz, anunciando que a Palavra de Deus se tornou existência humana. Assim como, na primeira criação, tudo começa com a luz que ilumina as trevas, a inauguração de um novo tempo anuncia a chegada de Jesus como a luz que veio iluminar as trevas, completando a obra da criação.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 52,7-10)

O povo escolhido constatou, em sua história, que seus reis não lhe trouxeram a salvação, mas Deus não o abandona. Ele

reconstrói a cidade de Jerusalém, que estava em ruínas depois de ter sido sediada pelo Império da Babilônia. Assistir à destruição da cidade, já não ter o templo sagrado, ver a morte de tantas pessoas e a miséria causada pela guerra provocou um sentimento de desalento e de abandono.

O texto deste domingo, escrito por um profeta anônimo do círculo profético de Isaías, traz uma mensagem de esperança e consolação, expressando a confiança em que o Senhor não abandona seus escolhidos. Ele, o Deus que continuamente liberta seu povo, suscita novas lideranças para reerguer e conduzir Israel. O profeta convida a comunidade dos fiéis a tirar uma lição da história. Nenhuma situação de sofrimento durou para sempre, e, quando o povo escolhido se encontrava nas situações mais difíceis, Deus interveio de modo surpreendente para libertá-lo. Por isso ele garante que a cidade de Jerusalém, que agora se encontra em ruínas, será reconstruída, e seus habitantes experimentarão a paz que haverá de chegar.

2. II leitura (Hb 1,1-6)

A autoria da carta aos Hebreus é desconhecida, e seus destinatários são denominados apenas hebreus. É possível que seu autor tenha escolhido essa forma para se dirigir a todos os cristãos de origem judaica. Ele retrata a real situação dos cristãos que estão vivendo em uma situação difícil por causa de sua fé em Jesus Cristo. Em razão de sua fidelidade à fé, os discípulos foram expostos a perseguições, sofrendo hostilidades pelo simples fato de constituírem uma minoria que manteve sua identidade religiosa como cristãos.

O tema do texto escolhido para a liturgia é a manifestação de Deus por meio da sua Palavra. A leitura alude ao projeto salvífico de Deus, expresso na sua Palavra nas Escrituras. O autor recorda que outrora Deus falou por meio de porta-vozes, como os profetas e líderes do povo, mas por último falou por meio de seu Filho, Jesus Cristo. Ele é a Palavra plena, definitiva e perfeita mediante a qual conhecemos o caminho da salvação. Sendo a Palavra última e definitiva, deve ser escutado pelos seus discípulos e discípulas, pois é o caminho mais seguro para chegar à vida nova que o Pai propõe.

3. Evangelho (Jo 1,1-18)

O prólogo do Evangelho segundo João é verdadeiro hino à Palavra de Deus que se fez carne e veio habitar entre nós. O centro de sua mensagem é a Palavra criadora que entra na história humana e provoca reações entre os que a aceitam e os que a rejeitam. O conteúdo dessa unidade central ressalta que a Palavra já existia desde o princípio. Nela já estava contido o projeto de vida, e ela era a luz que iluminava todas as criaturas. Portanto, acolhê-la significa escolher o amor e seu projeto de vida.

Ao usar a expressão "no princípio", João estabelece uma relação entre o nascimento de Jesus e a criação do mundo, oferecendo uma linha de interpretação de toda a Escritura. Em sua visão teológica, com o nascimento de Jesus, a obra da criação chega à sua plenitude. Se Jesus precede a própria obra da criação, é porque ele é Deus e estava junto do Pai antes de vir a este mundo. Ao atribuir o título de Palavra a Jesus Cristo, João assume a ideia – cujos ecos já se fazem presentes na literatura sapiencial do Antigo Testamento – de que ele é a sabedoria de Deus, que agora toma forma humana visível e a qual todos podem contemplar.

De fato, na primeira narrativa da criação, Deus criou todas as coisas por meio de sua palavra. O verbo criar, em João, indica comunicação da vida divina. E essa vida divina é compartilhada com todos aqueles e aquelas que acolhem essa Palavra. Vida e luz, para João, estão intimamente ligadas, pois é a luz que torna a vida perceptível. A luz serve de orientação e guia para a humanidade. O Natal é, para nós, a celebração dessa Palavra, que vem ao nosso encontro para ser luz e vida para todos nós.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Todas as leituras deste dia nos convidam a contemplar, no presépio, a Palavra que veio habitar entre nós. Jesus menino, em sua fragilidade e ternura, é expressão extrema e sem limites do amor trinitário. O Deus Pai que nos cria, junto ao Espírito que, com sua força, concebe o Filho, tem seu projeto de salvação para toda a humanidade.

A Palavra que é luz e vida vem ao nosso encontro. Acolhê-la significa permitir que Jesus transforme nossa vida, a fim de que tenhamos vida plena e sejamos, também nós, um raio de luz para todos os que nos rodeiam. Nossa realidade, assim como era a dos contemporâneos de Jesus, é permeada de trevas, de mentiras, de violência, de exploração de pessoas vulneráveis, pobres. Como podemos ser portadores da Palavra de vida e de luz para transformar essas realidades de nosso tempo? O menino Jesus, que contemplamos no presépio, é Palavra de vida eterna, mas convivemos com tantas outras palavras. Quais palavras nos aproximam e quais nos afastam da Palavra que se fez carne e veio habitar entre nós?

SAGRADA FAMÍLIA

31 de dezembro

Quem honra a família acumula tesouros nos céus!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo nos fala da missão da família de Jesus como modelo para todas as famílias cristãs. A exemplo de Maria, José e Jesus, que constituíram uma família na qual cada um se pôs a serviço do Reino de Deus, todas as famílias são convidadas a se porem a serviço de Deus e dos irmãos e irmãs.

A primeira leitura situa-nos na ética familiar do povo de Jesus, realçando o dever dos filhos para com os pais, sobretudo em sua idade avançada, quando precisam de maiores cuidados. A segunda leitura sublinha a dimensão do amor, que deve brotar naturalmente dos gestos de quem se coloca no caminho do discipulado do Senhor. A vida nova em Cristo nos insere nessa dinâmica, que começa no espaço familiar e se estende ao âmbito da comunidade de fé, traduzindo-se em atitudes de compreensão, bondade, respeito, partilha e serviço.

O Evangelho narra a apresentação de Jesus no templo. A cena descreve uma família que escuta a Palavra de Deus, procura concretizá-la em sua vida, preserva as tradições religiosas mais importantes e consagra a Deus seu filho. Maria e José se encontram com dois anciãos tementes a Deus: Simeão e Ana. Esses dois profetas visionários são capazes de perceber os sinais divinos no menino Jesus e louvam a Deus por poderem testemunhar sua presença libertadora no meio do povo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Eclo 3,3-7.14-17a)

O livro de Ben Sirac, também denominado Eclesiástico, pertence ao gênero literário sapiencial, cujo objetivo é conduzir os leitores e ouvintes no caminho da sabedoria que vem da meditação e da prática da Lei de Deus. O livro contém um conjunto de indicações da arte de viver com sabedoria. Essa obra é atribuída a Ben Sirac, um sábio israelita que viveu por volta do século II a.C.

O texto proposto para a liturgia desta festa fala do amor prático pelos pais como uma regra para bem viver em sociedade de geração em geração, pois, em conformidade com o ciclo natural da vida, os jovens de hoje

um dia se tornarão idosos e precisarão dos cuidados de seus filhos ou dos membros mais jovens da família. Em suma, a leitura trata da observância do quarto mandamento do Decálogo, com exemplos concretos da vida.

Ben Sirac instrui a comunidade dos fiéis em um contexto em que a convivência com os selêucidas, que governavam a Palestina, trouxe costumes estrangeiros para o meio do povo. Essa influência cultural provocou mudanças na tradição judaica, e muitos judeus se sentiram atraídos pela cultura grega, abandonando os valores tradicionais, fundamentados na prática do Decálogo. É nesse contexto que o livro do Eclesiástico convida a comunidade dos fiéis a conservar os valores de sua tradição religiosa, pois nisso consiste viver com sabedoria, preservando sua identidade religiosa e cultural.

2. II leitura (Cl 3,12-21)

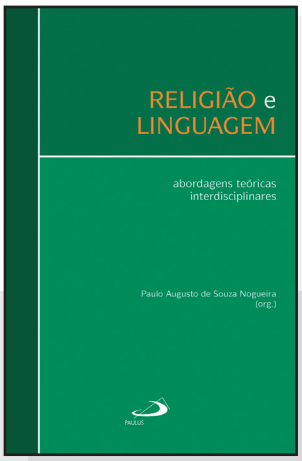
A segunda leitura, tirada da carta destinada à comunidade de Colossas, é um belo texto sobre o amor que deve reinar no seio da comunidade cristã, como uma família de amor. A comunidade dos fiéis de Colossas foi fundada por Epafras, companheiro de missão de Paulo, por volta do ano 56/57 d.C. Uma das grandes dificuldades dessa comunidade era a influência de certas doutrinas pagãs, que faziam especulações acerca de cultos oferecidos a anjos e seus papéis na salvação das pessoas. O sincretismo religioso trouxe muitos conflitos e dúvidas para os novos membros da comunidade. Por isso, sem refutar essas doutrinas, o autor da carta afirma a absoluta suficiência da fé em Jesus Cristo como caminho de salvação.

O texto exorta a comunidade dos colossenses a se revestirem dos sentimentos de novas criaturas em Cristo, adotando um estilo de vida expresso em um conjunto de virtudes evangélicas, como mansidão, bondade, misericórdia, paciência. Essas virtudes fazem parte do modo de vida do cristão, e o

Religião e linguagem

Abordagens teóricas interdisciplinares

Paulo Augusto de Souza Nogueira (org.)



448 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Ao se aliar com a linguística, com os estudos literários e discursivos, as ciências da religião também pretendem se inserir na reflexão que marca as ciências humanas desde o século passado, de que a linguagem é fundada num signo fraturado, cuja contiguidade com o que ele significa é questionada.

Aponte a câmera do seu celular e confira a degustação do livro!

Vendas: (11) 3789-4000
08000-164011

paulus.com.br

perdão é outra exigência fundamental para todos os batizados. Todas essas exigências se fundamentam na íntima relação com Cristo, pois viver nele implica inspirar-se em seu modo de vida. Cristo, sendo de condição divina, fez-se servo de todos. Por isso, as recomendações aos esposos e aos filhos são as atitudes de quem vive o amor em todas as suas relações. É desse modo que, no ambiente familiar, se manifesta a nova criatura, o ser humano transformado por Cristo e que vive segundo Cristo.

3. Evangelho (Lc 2,22-40)

A narrativa da apresentação de Jesus no templo liga-se às exigências da Lei mosaica, que prescrevia resgatar, por um sacrifício, todo filho primogênito. Simbolicamente, resgatava-se o filho mediante um sacrifício oferecido no templo. De acordo com o livro do Levítico (Lv 12,2-8), quarenta dias após o nascimento do filho primogênito, a criança deveria ser apresentada no templo, onde a mãe ofereceria um ritual de purificação. Para os pais pobres, como era o caso de José e Maria, esse sacrifício podia ser um par de rolinhas.

Maria e José encontram-se com Ana e Simeão, judeus piedosos que assiduamente frequentavam o templo para fazer suas orações. Nesse encontro, Simeão anuncia a Maria que seu filho passará por sofrimentos e será um sinal de contradição. Ele prediz que a missão de Jesus comportará sofrimentos.

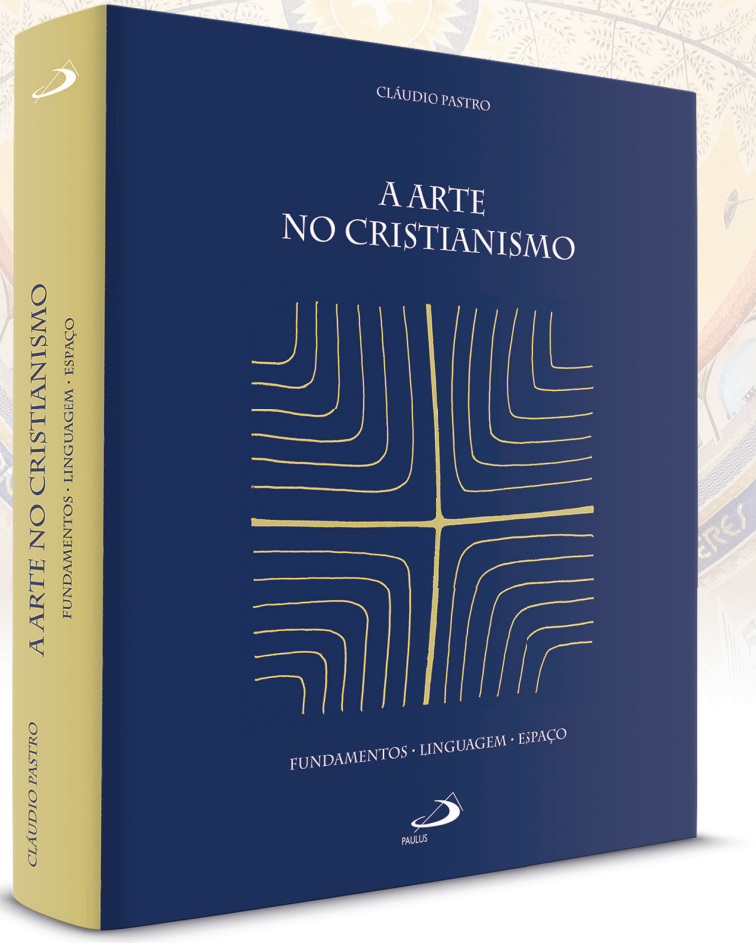
O gesto de Maria e José de apresentar seu filho a Deus nos ajuda a compreender a missão dos pais cristãos de consagrar os filhos a Deus e inseri-los em uma comunidade de fé, para que possam, no futuro, participar da missão da Igreja. A família é o lugar da primeira experiência de fé; é no seio familiar que as crianças recebem a primeira catequese. A educação familiar tem um papel muito importante na formação das crianças, para que, na idade adulta, sejam pessoas que contribuam para a sociedade e para a Igreja. A leitura do Evangelho proposta para este domingo termina com uma referência ao resto da infância do menino Jesus, afirmando que ele crescia em graça e sabedoria. Sua missão neste mundo foi cumprir a vontade do Pai, pondo sua vida a serviço do plano salvífico de Deus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Na tradição religiosa judaica, todo primogênito deveria ser consagrado ao Senhor. Maria e José são fiéis observantes das tradições de seu povo, por isso cumprem todos os preceitos e costumes de pessoas tementes a Deus. Eles assumiram com fidelidade as exigências da missão de pai e mãe. Na festa da Sagrada Família, a Igreja recorda a todas as famílias quanto é importante se preocupar com a educação integral das crianças, a qual inclui a educação para os valores cristãos e sua prática. Seguindo o exemplo da família de Nazaré, podemos interrogar-nos: no seio de nossas famílias, existe uma preocupação com a formação para a fé e em proporcionar aos filhos verdadeira educação para a vida cristã e os valores evangélicos? Nossas famílias assumem o papel de serem as primeiras catequistas das crianças ou delegam essa responsabilidade à comunidade cristã?

A Sagrada Família esteve sempre atenta aos apelos de Deus e se empenhou cuidadosamente em observar os preceitos do Senhor. O evangelista Lucas faz notar como Maria e José cumpriram, em todos os detalhes, os preceitos da Lei. Em primeiro lugar, eram pessoas atentas aos apelos de Deus, por isso responderam com fé, para assumir a missão tão especial que Deus lhes confiou. Qual é a importância da Palavra de Deus em nossas famílias? Encontramos tempo para, como família, reunir-nos em torno da Palavra de Deus? Esforçamo-nos para que cada membro de nossa família cresça na sensibilidade à Palavra de Deus e seus desafios? vp

A ARTE NOS CONDUZ **AO ETERNO!**



Neste livro, do renomado artista plástico brasileiro Cláudio Pastro, é possível conhecer os mais belos trabalhos de arte sacra, presentes em uma cuidadosa compilação do autor. A obra possui uma introdução e 16 capítulos que harmonizam textos e ilustrações. Ao todo são cerca de 600 imagens coloridas, entre fotos, reproduções de pinturas conceituadas, em mais de 300 páginas. O livro também oferece outros recursos como a caracterização estética da arte cristã em cada período da história. Uma obra impecável, que motiva uma reflexão sobre o espaço sagrado, a partir da arte e da beleza presentes na iconografia cristã.

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 0800-0164011
vendas@paulus.com.br
@editorapaulus

Aponte a câmera do seu celular e saiba mais!

PAULUS

Mística, Corpo e Arte

E Deus se fez sensibilidade



A obra apresenta um convite à reflexão e à percepção da presença de Deus no espaço, não confessional e institucional, a partir de diversas formas de arte. Teólogos sensíveis a essa realidade se uniram para oferecer um substancial estudo que une formas de arte, o olhar acurado ao corpo e a experiência mística. Afinal, onde podemos encontrar Deus?

Confira!

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 08000-164011
vendas@paulus.com.br
@editorapaulus

Aponte a câmera do seu celular e saiba mais!

PAULUS